

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**Preparação dos estudantes para provas externas:
realidades distintas**

ANDERSON DALLAVALLE BORZZATTO

**Porto Alegre
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**Preparação dos estudantes para provas externas:
realidades distintas**

ANDERSON DALLAVALLE BORZZATTO

Monografia apresentada como requisito
para a obtenção do título de Licenciatura
Plena em Geografia.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Roselane Zordan Costella

**Porto Alegre
2021**

CIP - Catalogação na Publicação

BORZZATTO, ANDERSON

Preparação dos estudantes para provas externas:
realidades distintas / ANDERSON BORZZATTO. -- 2021.
76 f.

Orientadora: Roselane Zordan Costella.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2021.

1. Provas Externas. 2. Escola. 3. Ensino Médio. 4.
Geografia. I. Zordan Costella, Roselane, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a minha mãe, que sempre me apoiou muito em meus estudos e em minhas decisões na vida, muitas vezes colocando suas próprias vontades como secundárias para que eu tivesse mais tempo para estudar, trabalhar e me dedicar a algum projeto. Não existem dúvidas em mim de como ela é incrível e de que essa pesquisa só foi possível graças a ela.

Agradeço ao meu irmão que sempre foi um referencial de sucesso na minha vida e alguém que sempre me ajudou quando eu precisava.

Agradeço ao meu pai, que mesmo em momentos de discordância, sempre me mostrou o valor do trabalho honesto como o caminho certo a seguir.

Agradeço a minha prima Caroline, que considero como uma irmã.

Agradeço aos meus amigos Jennifer, Helen, Vanessa, Ana Maria, Alisson, Nina e aos meus colegas da Geografia. Sem eles, viver a vida seria muito chato.

Agradeço aos colegas do Zumbi dos Palmares, que me ensinaram o poder do Ensino popular.

Agradeço aos voluntários da pesquisa, sem vocês essa pesquisa não seria possível.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha graduação, em especial, Claudia, Christiano, Luciane, Nelson e Roselane, minha orientadora nessa pesquisa.

E agradeço também a todos que não foram citados aqui, mas que sempre torceram por mim.

Muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa tem como intuito refletir sobre as diferenças entre escolas públicas e privadas na preparação dos seus estudantes para a realização de uma prova externa. Para tanto é utilizado o método qualitativo de pesquisa com estudantes e professores da rede pública e privada, tecendo as relações entre o acesso dos estudantes no Ensino Superior com suas respectivas diferenças socioeconômicas e culturais. Refletiremos nesta pesquisa as diferenças entre as escolas na preparação dos seus alunos, tendo como objetivos específicos as experiências dos estudantes no Ensino Médio e a preparação destes para as provas externas. Refletiremos também sobre a vivência e a prática dos professores de Geografia, em escolas públicas e privadas, tendo como foco as provas externas. Como resultado desta pesquisa, foi possível concluirmos que existem diferenças na preparação dos estudantes entre escolas públicas e privadas, sendo essas diferenças, interligadas a escola, a sociedade e a família.

Palavras-Chave: Provas Externas – Escola – Ensino Médio – Geografia

ABSTRACT

This research aims to reflect on the differences between public and private schools in the preparation of their students to take an external test. For this purpose, the qualitative method of research is used with students and teachers from the public and private network, weaving the relationships between the access of students to Higher Education with their respective socioeconomic and cultural differences. We will reflect in this research the differences between schools in the preparation of their students, having as specific objectives the experiences of students in high school and their preparation for external tests. We will also reflect on the experience and practice of Geography teachers, in public and private schools, focusing on external tests. As a result of this research, it was possible to conclude that there are differences in the preparation of students between public and private schools, and these differences are interconnected to school, society and family.

Keywords: External Exams – School - High School - Geography

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEDUC – Secretaria da Educação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

PVPZP – Pré-vestibular Popular Zumbi dos Palmares

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO - COMO SE ENCONTRA A REALIDADE ESCOLAR EM 2021.....	09
2. INTRODUÇÃO - COMO NASCEU A PRESENTE PESQUISA?	11
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	15
4. APONTANDO DIFERENÇAS - PRIMEIRAS REFLEXÕES.....	20
5. AQUELES QUE MAIS IMPORTAM, OS ESTUDANTES.....	26
6. OUVIR AQUELES QUE SE IMPORTAM, OS PROFESSORES.....	31
7. REFLEXÕES SOBRE AS ENTREVISTAS.....	35
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
9. REFERÊNCIAS.....	42
10. ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	44
11. APÊNDICES.....	47
11.1 Apêndice a - Entrevista com a estudante – X.....	47
11.2 Apêndice b - Entrevista com o estudante – W.....	49
11.3 Apêndice c - Entrevista com a estudante – Z.....	52
11.4 Apêndice d - Entrevista com a estudante – Y.....	55
11.5 Apêndice e - Entrevista com a professora – B.....	60
11.7 Apêndice f - Entrevista com o professora – A.....	64
11.8 Apêndice g - Entrevista com a professora – C.....	69
11.9 Apêndice h - Entrevista com o professora – D.....	74

1. APRESENTAÇÃO - COMO SE ENCONTRA A REALIDADE ESCOLAR EM 2021

Antes de refletirmos as diferenças entre escolas públicas e privadas, é necessário contextualizarmos sobre a realidade na qual esta pesquisa está sendo escrita. Desde março do ano de 2020, o Brasil e o mundo enfrentam a pandemia global do Coronavírus, acontecimento que mudou toda a infraestrutura da sociedade, fazendo com que muitos dos trabalhos que antes eram presenciais, passassem a ser à distância, através de plataformas online. A escola, assim como diversas outras instituições, está inserida nesse meio, que precisou se adaptar a essa nova realidade. No início do ano de 2021 a população de Porto Alegre começou a receber as vacinas para a pandemia do Coronavírus, processo lento e necessário que, aos poucos, permitirá que a vida rume para a normalidade não pandêmica. Entretanto, no atual momento, a pandemia ainda não acabou e, assim, as aulas presenciais e a rotina normal das escolas e das instituições de Ensino ainda não retornaram por completo. A partir do segundo semestre do ano de 2021, foi liberado para todas as escolas a adoção do sistema híbrido de Ensino, fazendo com que professores e estudantes mantivessem seus estudos o mínimo necessário na escola e o máximo possível dentro de suas casas. O calendário escolar, de acordo com a Secretaria de Educação (SEDUC), vai até o dia 15 de dezembro do ano de 2021 e a realidade da escola híbrida deve se manter durante todo esse tempo.

As provas externas tiveram sua normalidade alterada. De acordo com o site oficial da universidade, a maioria dos conselheiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), votaram pela não definição de datas das provas no ano de 2020, o que acabou levando a prova a não ser realizada em Janeiro de 2021, como geralmente aconteceria. Só em Agosto de 2021 novas inscrições para o concurso vestibular foram divulgadas, sendo duas modalidades de obtenção da vaga: notas de vestibulares anteriores, dos anos de 2017 a 2020, e notas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), dos mesmos anos desde que tenham notas mínimas de 450 em cada uma das provas objetivas e 500 na redação. O ENEM também teve suas datas alteradas no ano de 2020, sendo as provas impressas adiadas para 17 e 24 de Janeiro e a versão digital nos dia 31 de Janeiro e 7 de Fevereiro.

De qualquer forma, é necessário lembrarmos a importância das vacinações, essas que não haviam acontecido no segundo semestre letivo da educação básica, o que gerou grande vulnerabilidade para toda a comunidade escolar. Em Porto Alegre,

a vacinação de pessoas com 17 anos começou a acontecer apenas no dia 14 de setembro de 2021, as idades inferiores a essas ainda não tinham data para serem vacinadas, ocasionando uma lacuna de tempo de pelo menos um mês entre a volta das aulas presenciais. Essa irresponsabilidade com a vida das pessoas aconteceu devido às pressões sociais em relação à volta dos estudantes para a sala de aula, principalmente por parte das instituições privadas, que foram pressionadas a reduzir suas mensalidades com a adoção do Ensino a distância. Sendo assim, esse é o atual momento que esta pesquisa está sendo escrita, em um limbo entre avanços e estagnações referentes às instituições escolares. Ao passo que é importante mantermos o ambiente escolar, pois acredito ser de vital importância para as construções dos saberes, temos que ter em mente que é ainda mais importante mantermos a vida das pessoas.

2. INTRODUÇÃO - COMO NASCEU A PRESENTE PESQUISA?

Pesquisar as diferenças entre as escolas pública e privada, no quesito preparação para as provas externas, que ocorrem após o fim do Ensino Médio, se tornou relevante para mim no momento em que fui professor do curso Pré-vestibular Popular Zumbi dos Palmares (PVPZP). O curso citado é um espaço de educação e preparação para as provas externas, principalmente para a prova da UFRGS e do ENEM. O curso, localizado na cidade de Porto Alegre, frequentado por alunos de baixa renda, vindos da escola pública e dando preferência para pessoas negras. Nesse curso me deparei pela primeira vez com a necessidade de transformar os meus conhecimentos teóricos, desenvolvidos na universidade, em práticos para a sala de aula, mesmo sem ter experiência. Minha vontade era de ser o professor que inspirasse a vontade nos alunos em querer realmente aprender Geografia.

Durante os meus dois anos como professores de Geografia, em diferentes momentos refleti sobre qual seria o papel da Geografia no ensino escolar. A meu ver, a Geografia é a janela e a porta para o resto do mundo. A janela porque, através dela, aos olhos dos meus estudantes e em meu encantamento pelas suas percepções, podemos perceber e refletir sobre como é maravilhoso viver no Planeta Terra, um Planeta com a natureza rica e necessária, berço de tudo que existe em nossas vidas e que deve ser preservado e respeitado em todas as suas escalas. E a Geografia também é a porta, pois com ela entendemos como o nosso corpo ocupa um espaço dentro desse Planeta e como estamos inseridos dentro das esferas sociais. Fazer-se entender através dessas metáforas é basicamente preparar o meu estudante para a vida em sociedade, esperando que o mesmo consiga contribuir com toda a sua racionalidade e seu pensamento crítico na construção da cidadania.

Refletir que ocupamos um espaço e que temos a possibilidade de observar, construir conhecimento e agir sobre tudo que existe no mundo é a função principal que sempre construí junto aos meus estudantes. Entretanto, entre a janela e a porta existem as provas externas. Acredito que por mais que essas provas sejam construções elaboradas por profissionais responsáveis e preocupados com o estudo da ciência geográfica, elas nada mais são que um discurso vazio para legitimar uma falsa meritocracia para o acesso ao Ensino Superior, dando suporte a ideia de que somente aqueles que tiverem “sucesso”, ou seja, que obtiverem notas altas o suficiente, nessas provas, estão aptos a acessar o Ensino Superior.

Como professor de um curso pré-vestibular popular, frequentado principalmente por estudantes de baixa renda, tenho a preocupação com o significado de uma universidade na diminuição, mesmo que de forma muito tênue, no distanciamento social absurdo do nosso país. A juventude vulnerável precisa ter esperança, algo que às vezes é complicado devido à situação socioeconômica em que se encontram.

Essa distância tem mostrado o abismo de oportunidades de futuro entre a juventude protegida e a juventude socialmente vulnerável, que constitui a maioria da população do País. Entrar na universidade, para os jovens deste segundo grupo, significa ir muito além de transpor a barreira do vestibular. Significa contrariar o destino, que lhes é socialmente reservado, legitimado por uma divisão socioeconômica de classe. Em se tratando do contexto brasileiro, a situação pela desigualdade constituída historicamente se agrava ainda mais pelo descaso dos responsáveis pela cena pública, aí incluídos os responsáveis pela educação. (MARTINS & LISBOA, 2014, p.12)

Mas afinal, quais são meus sentimentos em relação a pesquisar os diferentes espaços escolares e como eles se modelam em torno das provas externas que serão realizadas pelos estudantes?

Durante todo o Ensino básico, frequentei a escola pública. O Ensino Fundamental na Escola Estadual Paulina Moresco, uma escola sem muitos recursos financeiros, localizada na periferia da zona sul de Porto Alegre, e o Ensino Médio no Instituto General Flores da Cunha, também uma escola pública, porém localizada numa área central de Porto Alegre. Pondero ainda que uma vez que o número de escolas com Ensino Médio na periferia da cidade é bastante reduzido, muitos estudantes de escolas públicas, assim como foi o meu caso, têm de cruzar a cidade para poder concluir o Ensino básico, fato esse que é prejudicial por si só.

No último ano do Ensino Médio, lembro-me de começar as inquietações dos colegas sobre o que iríamos fazer depois da escola. Muitos não sabiam, não tinham interesse, preferiam não falar sobre, pois causavam sentimentos ruins. Dentre os colegas, alguns iriam trabalhar onde conseguissem emprego e poucos queriam prestar o vestibular da UFRGS e o ENEM. Entre esses poucos, existia um debate muito grande que girava em torno do seguinte ponto: Será que o que aprendemos aqui na escola vai nos ajudar no vestibular? Quando perguntado aos professores, eles diziam que sim, pois o currículo que aprendemos estava nas normas gerais que o Ensino Médio deveria ensinar, logo, cairia no vestibular e no ENEM.

Realizei a primeira prova do ENEM e o vestibular da UFRGS no ano de 2012 e fui reprovado em todas as faculdades públicas nas quais tentei uma vaga. No ano seguinte me dediquei para estudar para essas provas e tive a oportunidade de frequentar um curso pré-vestibular privado, chamado OBJETIVO, localizado também no centro da cidade de Porto Alegre. O curso compreendia todas as disciplinas escolares, tendo cada disciplina de três a quatro professores. Os estudantes do curso eram de todas as regiões de Porto Alegre e pertenciam a uma variada gama de escolas públicas e privadas. Com o passar do tempo, cada vez mais era perceptível à distância entre os alunos vindos do Ensino público e do privado. Os estudantes da rede privada pareciam ter um conhecimento muito maior de como as provas da UFRGS funcionavam, já entendiam a pontuação necessária para as classificações e, além disso, conseguiam conectar as aulas que tiveram no Ensino Médio com as questões da prova. Entre os estudantes da escola pública, era comum relatarem que nunca haviam visto determinado assunto ou que em determinados anos do Ensino Médio, tinham aprendido um único assunto e que às vezes nem caia no ENEM ou na UFRGS. Neste momento lembrava das respostas dos professores quando perguntávamos se estaríamos preparados – certamente algo não estava coerente.

Em 2019, como professor do curso popular Zumbi dos Palmares, revivi os anseios de estudar para provas externas necessárias para ingresso no Ensino Superior. Dessa vez preparando aulas que fossem interessantes e colaborassem para a aprovação dos meus estudantes. Foi por meio dos anseios enquanto estudante e depois como professor que nasceu esta pesquisa. Como as diferentes escolas interferem na nossa desenvoltura e preparo para as provas externas?

Esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre as diferenças entre escolas públicas e privadas na preparação dos seus estudantes na hora de prestar uma prova externa. Os objetivos específicos para dar conta desta pesquisa são:

Refletir sobre as experiências dos estudantes no Ensino Médio, de escolas públicas e privadas, tendo como foco de discussão a preparação para as provas externas;

Compreender as vivência e prática dos professores de Geografia, em escolas públicas e privadas, tendo como foco de discussão a preparação para as provas externas;

Relacionar as práticas e vivências dos estudantes e professores, com suas respectivas redes de apoio (escola, família e sociedade).

Essa pesquisa não tem por finalidade definir o que uma escola deve ou não fazer em relação aos seus professores e estudantes, mas sim tem como finalidade refletir sobre problemas sociais, dificuldades apresentadas pelos entrevistados, metodologias de ensino, olhares sobre a escola enquanto um espaço de aprendizagem amplo e cheio de possibilidades, e trazer, a todo momento, a problemática sobre as provas externas e sua importância.

Sendo assim, o presente trabalho foi dividido em seis capítulos. Após a introdução, é apresentada a metodologia de pesquisa, em que mostra, em uma pesquisa qualitativa, com entrevistas semi-abertas que foram formuladas e utilizadas para coleta de dados com os estudantes e professores entrevistados, sempre enfocando no tema das suas vivências em torno da preparação para as provas externas.

O terceiro capítulo apresenta as justificativas para pesquisar as diferenças entre escolas privadas e públicas. Como já explorado anteriormente, as diferenças na hora de prestar uma prova externa não são meras opiniões, mas estruturas sociais que podem ser baseadas em dados científicos, comprovando os abismos educacionais presente nessa sociedade permeada por uma cultura meritocrática.

No quarto capítulo são formuladas relações baseadas nos estudantes entrevistados, considerando suas percepções e vivências sobre o Ensino Médio, para evidenciarmos diferenças estruturais nas duas redes de Ensino pesquisadas.

O quinto capítulo formula relações fundamentadas nos depoimentos dos professores entrevistados, considerando suas percepções, vivências e práticas pedagógicas no Ensino Médio, evidenciando diferenças estruturais nas duas redes de Ensino pesquisadas.

E o sexto capítulo nos mostra as considerações sobre todas as discussões levantadas, quais são os privilégios de estudar em uma escola privada, as dificuldades apresentadas pelos estudantes da escola pública, as diferenças relacionais entre a percepção dos professores e dos estudantes, a importância do método qualitativo de pesquisa e uma análise final dos resultados.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Quanto à abordagem metodológica, a melhor maneira que encontrei para refletir e discutir sobre a estruturação dessas diferentes escolas foi a análise de dados primários obtidos através de pesquisa qualitativa. Dessa forma, coletei e analisei dados de professores e estudantes, a fim de refletir sobre o ponto central deste trabalho de conclusão, ou seja, mostrar as diferenças de preparação entre escolas da rede pública e escolas da rede privada na realização das provas externas.

Não serão analisados levantamentos de informações quantitativas em gráficos ou tabelas pré-construídas. Pela natureza da pesquisa, é necessário que o enfoque seja qualitativo, pois visou contribuir para o entendimento sobre determinada realidade, e nesta pesquisa, pretendo possibilitar reflexões sobre as diferentes realidades escolares. Segundo Ramires e Pessôa (2013, p.25):

A pesquisa qualitativa tem como identidade o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de uma interdependência viva entre sujeito e objeto e de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas.

Nesse sentido, utilizar do método de pesquisa qualitativa é diferente do método quantitativo, pois este não emprega um instrumental estatístico em sua base de análise, sendo assim, não quer numerar ou medir categorias homogêneas. A pesquisa qualitativa se mostra a melhor forma para entendermos sobre a complexidade das relações sociais entre as instituições escolares (RICHARDSON et al, 2008, p.80):

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Pesquisar utilizando-se de entrevistas qualitativas é propor uma série de relações entre o entrevistador e o entrevistado. O autor YIN (2016. p.119, p.120) acredita que existem três diferentes aspectos que diferenciam esse tipo de pesquisa de outros métodos, como podemos ver a seguir:

1. “Primeiro, a relação entre o pesquisador e o participante não segue um roteiro rígido.”

2. “Segundo, o pesquisador qualitativo não tenta adotar um comportamento ou conduta uniforme para todas as entrevistas. Em vez disso, a entrevista qualitativa segue um modo conversacional, e a pesquisa em si levará a uma espécie de relacionamento social, com qualidade de relação individualizada para todo participante”
3. “Terceiro, as perguntas mais importantes em uma entrevista qualitativa serão abertas mais do que fechadas”.

Conforme apresentado, a atual pesquisa é construída em meio a pandemia da Covid-19 e, por esse fator, a metodologia de pesquisa precisou ser reelaborada, adotando o caráter online, através da plataforma Google Meets, assim, mantendo o distanciamento social e a segurança do entrevistador e dos entrevistados. As entrevistas desta pesquisa encontram-se integradas no apêndice (a-h), junto ao termo de consentimento (anexo 1) que foi apresentado e assinado pelos entrevistados. Por questões de respeito ao sigilo e privacidade dos dados coletados na pesquisa, os entrevistados serão apresentados por letras. A seguinte tabela orienta sobre a origem de cada entrevistado:

Tabela 1

Nome do entrevistado	Origem do entrevistado
Professor A	Escola particular
Professora B	Escola particular
Professora C	Escola pública
Professor D	Escola pública
Estudante X	Escola particular
Estudante Y	Escola particular
Estudante Z	Escola pública
Estudante W	Escola pública

Tabela com as identificações dos entrevistados

Dessa forma, foram elaborados grupos de perguntas abertas, com encadeamentos que levassem o entrevistado a responder o que o entrevistador estava procurando. Entre esses grupos de perguntas, foram separadas perguntas para os estudantes e perguntas para os professores, e cada grupo pertence a uma associação de ideias que seguem o mesmo intuito, sendo explicadas a seguir.

GRUPOS DE PERGUNTAS PARA OS ESTUDANTES

1º GRUPO DE PERGUNTAS

Durante a educação básica você demonstrou interesse em estudar para as provas externas?

A que você atribui o interesse ou desinteresse em relação a preparação das provas externas?

Essas duas perguntas foram formuladas para refletirmos sobre o interesse dos estudantes do Ensino Médio em se preparar para as provas externas e como esse interesse ou desinteresse foi se formando ao longo do seu tempo escolar.

2º GRUPO DE PERGUNTAS

O que você pensa que faltou na educação básica para melhor te preparar para as provas externas? Caso tenha faltado.

Como a escola acompanhou durante o Ensino Médio a sua escolha profissional e as suas dificuldades para com as provas externas?

Em média quantos simulados foram realizados sobre o Enem durante o Ensino Médio? (Nenhum, de 1 a 5, de 6 a 10, mais de 10)

Durante o Ensino Médio você teve alguma disciplina que não foi trabalhada por falta de professor? Justifique.

O segundo grupo de perguntas foi formulado para refletirmos como a escola trabalhou a preparação do estudante em relação às provas externas. Neste grupo, foram avaliadas as necessidades que os estudantes acreditavam ser importantes na sua preparação, por exemplo. Além disso, foi analisado o número de simulados e a ausência de professores nas disciplinas ofertadas, uma vez que ambos os fatores têm influência direta na preparação do estudante.

3º GRUPO DE PERGUNTAS

Como o professor de Geografia articulou em suas aulas os conteúdos com as provas externas?

O professor de Geografia em algum momento mostrou como funciona alguma prova externa necessária para o acesso ao Ensino Superior?

Você acredita que o seu professor de Geografia teve um papel importante na sua formação? Por quê?

O terceiro grupo de perguntas refere-se à prática pedagógica dos professores de Geografia e como essas práticas influenciaram o estudante ao longo da sua vida, incluindo a preparação para as provas externas.

4º GRUPO DE PERGUNTAS

Este último momento é para que você se expresse sobre como foi o seu Ensino Médio de forma geral, não necessariamente sobre Geografia ou o professor de Geografia. Os momentos felizes que você lembra, as angústias e preocupações da época, um apanhado geral de como aconteceu.

Essa última pergunta é para refletirmos sobre a percepção geral do estudante em relação ao seu tempo no Ensino Médio. Como o ambiente escolar se mostrou favorável ou desfavorável para os aprendizados, para as relações com os colegas e professores e com a preparação para as provas externas.

GRUPO DE PERGUNTAS PARA OS PROFESSORES

1º GRUPO DE PERGUNTAS

Você pensa que os estudantes da educação básica, normalmente tem interesse em fazer vestibular? O que você atribui para esse interesse ou desinteresse?

Você acredita ser importante que os seus estudantes, quando formados na educação básica, façam provas externas para terem acesso a uma educação Superior?

Quais são as maiores dificuldades apresentadas pelos seus estudantes na preparação de provas externas?

O primeiro grupo de perguntas nos ajuda a refletir como os professores entendem e observam os seus estudantes; quais as dificuldades, facilidades, interesses e desinteresses na hora de agir pedagogicamente com suas turmas e

como essas múltiplas diferenças são transformadas em possibilidades na hora de planejar aulas que contemplem também as provas externas.

2º GRUPO DE PERGUNTAS

Como você prepara os seus estudantes para que eles possam ter sucesso nas provas externas?

Você vê diferença entre ensinar Geografia para a vida e ensinar para as provas externas? Um processo exclui o outro? Por quê?

Quando você planeja uma aula ou um projeto de aulas, as provas externas, como o vestibular da UFRGS ou o ENEM, são consideradas uma das suas preocupações?

Como você caracteriza o seu conhecimento sobre a forma como as provas externas abordam os conteúdos de Geografia?

Em algum momento você explicou, mostrou ou disponibilizou alguma prova externa de Geografia para os seus estudantes?

Você acredita que exista algo que possa melhorar suas aulas em relação às provas externas?

Este grupo de perguntas são necessárias para refletirmos como os professores de Geografia entendem sua prática pedagógica, dando ênfase ao debate sobre a importância da preparação das provas externas dentro da sala de aula.

3º GRUPO DE PERGUNTAS

Para além dos conteúdos de Geografia, você conversa sobre a importância da universidade e do ENEM para a vida dos seus alunos?

A escola incentiva e acompanha a escolha profissional e a preparação para as provas externas pelos alunos?

O terceiro grupo serve para refletirmos como a escola propõe suporte para os seus estudantes poderem se preparar para as provas externas. Nossas lentes voltaram-se para o papel do professor para além dos conteúdos de Geografia. Da mesma forma observar como a escola auxilia na escolha profissional e na preparação para as provas externas após a conclusão do Ensino Médio.

4. APONTANDO DIFERENÇAS, PRIMEIRAS REFLEXÕES

Não é de hoje que percebemos que a sociedade tem diferentes níveis sociais. A classe social das pessoas muitas vezes transpassa vontades e desejos de construir determinados caminhos, pois ela ocorre devido às desigualdades sociais que temos na vida, em que as oportunidades vão se afunilando e tornam-se cada vez mais escassas. De acordo com a pesquisadora da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN), OLIVEIRA, (2010), os jovens brasileiros das escolas públicas e privadas pouco diferem em relação às suas ambições para o futuro. Quando perguntados pela pesquisadora “Como você se vê no futuro?”, as respostas são em torno de se formar, entrar em uma universidade e conseguir um emprego. Esse é o primeiro passo para iniciarmos a discussão a seguir.

Os jovens brasileiros têm interesse em entrar no Ensino Superior, não estando reservada a vontade de acessar as universidades para alguma classe da população. Apesar deste trabalho não abordar de forma analítica as condições socioeconômicas dos pesquisados, pretente refletir sobre vivências que apontam diferenças entre escolas públicas e privadas e como essas instituições constroem suas ideias na hora de agir pedagogicamente.

Talvez em um primeiro momento seja possível pensarmos que as escolas são todas iguais, sendo a função delas educar os cidadãos brasileiros. Em parte é verdade. Mas as maneiras com que elas funcionam e se estruturam são diferentes, pois é impossível pensarmos que existe uma igualdade relacional entre os estudantes oriundos da escola pública e outros da escola privada, frente às suas respectivas desigualdades socioeconômicas. As diferenças entre escolas públicas e privadas não são classificadas por ordem de professores bons ou ruins, ou mesmo, estudantes bons ou ruins. Mas sim, diferenças estruturais de instituições que cotidianamente se transformam e mudam, ocupando um espaço dentro de uma sociedade de classes, sendo esta com interesses “pré-definidos” a fim de manter o status quo entre grupos privilegiados e desprivilegiados.

O ingresso ao ensino superior pelas classes populares é muito difícil e árduo. Independente da escolha do curso, a mensagem que nos chega pelo próprio governo federal é de que a universidade deve ser para poucos. O Ministro da Educação, com uma retórica regressista enfatiza que: "Universidade deveria ser para poucos" Durante uma entrevista para TV Brasil, Ribeiro disse que a universidade "deveria ser para

poucos" e defendeu o crescimento dos institutos federais. Se a universidade deve ser para poucos, ou seja para os ricos, o que sobra então para cursos que hoje são os mais disputados por se tratarem de profissionais com maior status, como as engenharias, medicina, relações exteriores, entre outros.

Outra ideia que é divulgada pelos negacionistas e reducionistas é de que as oportunidades são iguais, ou seja "estamos no mesmo barco" – estude que você passa. Neste sentido abordamos a ideia de LIZARRAGA:

Vale enfatizar que la meritocracia promete movilidad social ascendente y se compromete con la igualdad de oportunidades, pero en modo alguno asegura igualdad de resultados. Además, la mentada movilidad ascendente no se condice con los datos duros que registra la investigación empírica. Así, por más atractivos que tenga en términos normativos, la meritocracia choca contra la cruda realidad de que para las mayorías es más difícil o simplemente imposible subir la escalera (LIZARRAGA, 2021, p.95)

O acesso a cursos disputados e elitistas é restrito a estudantes que tiveram oportunidade de aprofundar o conhecimento em escolas igualmente elitistas, como por exemplo, as do sistema privado. Não podemos concordar com a ideia de que o esforço basta para que um estudante alcance cursos tão concorridos. Precisamos refletir sobre a fragilidade da grande maioria dos estudantes das escolas públicas que mal tem alimentos e são desprovidos de infraestrutura básica, para podermos entender que não basta o esforço, esses alunos precisam ter condições mínimas de sobrevivência para atingir os seus sonhos.

Se pensarmos por exemplo no acesso ao curso de Medicina, sendo essa uma das profissões mais valorizadas em relação aos salários médios em nosso país, e ao mesmo tempo mais disputadas, podemos observar que os dados (tabela 2) apontam que este acesso está restrito, praticamente, para aos estudantes da rede privada. De acordo com o estudo dos pesquisadores FIOROTTI, ROSSONI e MIRANDA (2009) em que eles analisam os estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), é possível estabelecermos algumas relações:

Perfil Socioeconômico dos Estudantes do Curso
de Medicina da UFES — 2007 (N = 229) (continua)

VARIÁVEL	[N]	[%]
Sexo feminino	115	50,2
Cor/etnia		
Branca	157	68,6
Parda	63	27,5
Preta	04	1,7
Amarela	03	1,3
Indígena	02	0,9
Solteiros	226	98,7
Sem filhos	225	98,3
Renda própria		
Não possui	142	62,0
Bolsa de monitoria / Iniciação científica / Extensão	18	7,9
Estágio	14	6,1
Trabalho	02	3,1
Mesada	40	17,5
Renda familiar (R\$)		
Até 800,00	04	1,7
De 800,00 a 1.500,00	08	3,5
De 1.500,00 a 3.000,00	37	16,2
De 3.000,00 a 5.000,00	47	20,5
De 5.000,00 a 10.000,00	91	39,7
De 10.000,00 a 20.000,00	37	16,2
Acima de 20.000,00	03	1,3
Grau de escolaridade do pai		
1º Grau incompleto	20	8,7
1º Grau completo	13	5,7
2º Grau completo	70	30,6
Superior completo	77	33,6
Pós-graduação/mestrado/doutorado	49	21,4
Grau de escolaridade da mãe		
1º Grau incompleto	07	3,1
1º Grau completo	09	3,9
2º Grau completo	76	33,2
Superior completo	79	34,5
Pós-graduação/mestrado/doutorado	57	24,9
Ensino Fundamental		
Todo ou a maior parte em escola pública	43	18,8
Todo ou a maior parte em escola particular	185	80,8
Ensino Médio		
Todo ou a maior parte em escola pública	43	18,8
Todo ou a maior parte em escola particular	184	80,3

Tabela 2: Perfil Socioeconômico dos Estudantes do Curso de Medicina da UFES.

Fonte: FIOROTTI, K. P. 2009

Os dados apresentados apontam o perfil do estudante de Medicina como majoritariamente pertencente às famílias que têm uma renda entre cinco e dez mil

reais, o que é estatisticamente maior que a média brasileira, que em 2021, pela revista ANDES (2021) apontou como 995,00:

As e os trabalhadores mais pobres, incluindo as e os informais e as e os sem trabalho, perderam mais renda entre o primeiro trimestre de 2020 e o primeiro trimestre de 2021. Enquanto a renda média geral caiu 10,89% no período de um ano, a parcela mais pobre da população teve uma perda quase duas vezes maior (20,81%). No trimestre de 2020, a renda média per capita foi de R\$ 1122 e em menos de um ano caiu 11,3% e alcançou R\$ 995. Essa é a primeira vez, desde 2012, que a renda média per capita fica abaixo de R\$ 1.000. (ANDES, 2021)

Sobre a escolaridade, a maioria, tanto no Ensino Fundamental com 80,8%, quanto no Ensino Médio, com 80,3% é proveniente da escola particular. Então a pergunta que proponho é: existem mais estudantes brasileiros na rede pública ou na rede privada? De acordo com o diretor de Estatísticas Educacionais do Inep, Carlos Moreno:

“A rede pública é predominante, mas vale destacar, também, a grande participação da rede privada, que tem quase 19% em toda a Educação Básica. É uma ressalva especial para os municípios brasileiros, que detêm praticamente 48,4% de toda a matrícula na Educação Básica brasileira” (MORENO, 2021)

Sendo assim, a primeira relação que proponho utilizando como exemplo os dados sobre os estudantes de Medicina, é apontar esse fenômeno “mágico”, que é os estudantes da escola privada serem maioria nos cursos mais concorridos do Ensino Superior, em todos os anos, participando de uma instituição (a escola privada) que não abrange a maioria da realidade brasileira, cursos esses, que estão diretamente relacionados com as profissões mais bem remuneradas. É necessário refletirmos sobre o status quo de que essas graduações naturalmente são encaminhadas para as pessoas que têm uma renda familiar maior e que, por conseguinte, conseguem pagar uma escolaridade que vai focar os seus ensinamentos nesse propósito de conseguir essas vagas. Enquanto isso, os estudantes da escola pública, que apresentam os mesmos anseios de vida, não vão participar da disputa por essas vagas e se participarem dificilmente serão aprovados, por variados fatores que pretendo discutir durante a pesquisa.

O sucateamento da escola pública é uma realidade. Esta situação tem como causas vários elementos como baixo salário dos professores da rede pública, inexistência do Poder Público, desconsideração com as estruturas físicas, falta de formação continuada aos professores com qualidade, despreparo das direções e coordenações, entre muitos outros. Sem professores de diversos campos do

conhecimento, como se preparar para uma prova que demanda esse tipo de saber? Sobre o insucesso da população estudante da escola pública, não necessariamente em relação às provas externas, mas em um contexto geral da vida, a psicóloga e pesquisadora e (PATTO, MARIA, 1992, p. 109) acrescenta:

Todas essas versões, sob aspectos muito diferentes umas das outras têm em comum o fato de situarem as causas das dificuldades dos alunos e em suas famílias. Se é verdade que há progressos nesta sequência – na passagem de concepções genéticas para concepções ambientalistas da inteligência –, é verdade também que todas elas definem “ambiente” de maneira naturalista, a-histórica, não levando em conta as relações de produção e as questões de poder e da ideologia e, nessa medida, deixam espaço para a penetração da Ciência pelo senso-comum, pelo que parece ser, pelos preconceitos e estereótipos sociais relativos a pobres e não-brancos.

A relação estabelecida pela psicóloga é de que essas concepções de quem vai pertencer a determinado espaço não estão ligadas a uma ordem genética, uma desculpa utilizada durante muito tempo, ou seja, as pessoas mais pobres pertenceriam a uma genética inferior e é por isso que elas não acessam o ensino superior. Mas sim, uma historicidade cheia de relações entre poder. A professora (ORTEGA, 2001, p. 154) aponta essas diferenças históricas.

Historicamente, o Ensino Médio no Brasil tem sido marcado pela dualidade de sistemas, sempre oscilando entre profissionalizante e propedêutico. Contudo, para a elite dominante, nas diversas fases da educação brasileira, sabemos que o que predominou na prática foi a escola voltada para a preparação ao ingresso no Ensino Superior. Aos estudantes que pertenciam aos grupos pobres, quando tiveram acesso a esse nível de ensino, eram cursos profissionalizantes e, na maioria das vezes, de baixa qualidade

A necessidade de refletirmos sobre essas diferenças é urgente, pois a construção de uma sociedade mais igualitária é reflexo direto de uma educação também igualitária. Estamos falando de estruturas que mexem em muitos pilares da nossa sociedade, por isso as resoluções são complexas, demandam tempo, estudo e reflexão. A educação é um elemento de composição social de todos os seres humanos, ela nos caracteriza como cidadãos e nos transporta para o mundo em sociedade, com suas devidas regras, demandas e direitos. Negar a educação pública de qualidade é fomentar as mazelas causadas pelos seres humanos em um ciclo vicioso. Sobre isso a professora também acrescenta (ORTEGA, 2001, p. 154)

A função da escola é formar o cidadão atuante, crítico, através da transmissão/apropriação do conhecimento, numa relação dialética que envolva o professor e o aluno. Se a escola fizer isso com qualidade pode estar ajudando os jovens a ter um bom desempenho como cidadãos. Acreditamos que o direito e a chance de acesso ao Ensino Superior fazem parte dessa formação e, se há algum instrumento para selecionar, seja ele qual for, tem que ser levado em conta pela escola pública.

Mas é verdade também que, apesar de tudo, a escola pública resiste, todos os dias, pois são inegáveis as barreiras sociais e econômicas impostas sobre as instituições públicas para a sua permanência, que sempre tenta oferecer qualidade de ensino além do que é posto como o mínimo necessário.

5. AQUELES QUE MAIS IMPORTAM, OS ESTUDANTES

Para facilitar a leitura da pesquisa, iremos relembrar a origem dos entrevistados: o professor A trabalha na escola privada; a professora B trabalha na escola privada; a professora C trabalha na escola pública; o professor D trabalha na escola pública; a estudante X pertenceu a escola particular; a estudante Y pertenceu a escola particular; a estudante Z pertenceu a escola pública; e o estudante W pertenceu a escola pública.

Quando pensamos em refletir sobre diferenças nas escolas, uma das visões mais importantes sobre esse espaço, se não a mais importante, é a dos estudantes que vivem cotidianamente a realidade escolar. Ouvir a experiência dos estudantes é entender que o conforto, sociabilidade e qualidade de vida escolar são elementos fundamentais para a construção de qualquer cidadão e isso reflete também na preparação para as provas externas. Neste capítulo iremos refletir e relacionar as diferentes respostas dos estudantes sobre as suas realidades escolares e como elas foram modeladoras do seu preparo em relação às provas externas.

Dos quatro estudantes entrevistados, três responderam que demonstraram interesse em estudar para as provas externas, cada um deles com suas devidas particularidades. A estudante X foi a única que respondeu não ter mostrado interesse em estudar e se preparar para essas provas, apesar de que, em todo o período escolar, sempre ter participado de todos os simulados. Indo além, ela acredita que um dos seus erros no Ensino Médio foi não ter os corrigido por conta própria os seus simulados, uma vez que a instituição não os corrigia, por exemplo.

Os estudantes Z e W acreditam que grande parte do seu interesse por prestar uma prova externa são frutos das motivações dos professores. O estudante W demonstrou maior proximidade com os professores de Literatura e acredita que grande parte do seu interesse seja por causa deles. A estudante Y é um caso diferente dos outros entrevistados, pois ela sempre demonstrou um grande interesse em prestar os vestibulares, mesmo antes de entrar no Ensino Médio. Interesse esse que partiu tanto do seu desejo em se tornar uma médica e quanto pelo seu apoio e impulsionamento familiar. A procura de estudar em uma instituição particular, mais especificamente a sua antiga escola, se originou do desejo de melhor se preparar para as provas externas que ela teria ao fim do Ensino básico, por exemplo.

Durante todas as entrevistas com os estudantes, nenhum apontou ter tido alguma experiência ruim ou comprometedoras com os seus professores. Entre os estudantes da rede pública, podemos refletir que ambas as respostas envolvem um professor no processo de construção do seu interesse em prestar uma prova externa. Entre as estudantes da rede privada, outros elementos apareceram, como o fator familiar. Essa é uma relação importante para refletirmos. Os estudantes da escola pública, infelizmente, pertencem a uma realidade que não os impulsiona a entrar no Ensino Superior e, por isso, muitas vezes seus interesses pelas provas externas são menos presentes do que nos alunos da rede privada. Mas não seria justo culpar apenas as famílias ou os professores, até porque a pressão que esses jovens sofrem para arranjar um emprego ao sair da escola para aumentar a renda familiar, na maioria das vezes, não é uma opção, mas sim uma necessidade.

A percepção geral dos estudantes sobre os seus professores de Geografia, tanto na rede privada, quanto na rede pública, encontra semelhanças, pois todos os professores foram apontados como importantes na formação cidadã. Isso nos leva a refletir que os professores de Geografia são profissionais preocupados com a formação dos seus estudantes e que, apesar de apresentarem metodologias pedagógicas intrínsecas de cada um, o que não é um ponto negativo, eles apresentam sucesso, de modo geral, com os seus estudantes. É importante destacarmos que os professores são um dos elementos responsáveis pelos seus alunos, mas não apenas eles. Existe uma complexidade de fatores que vão levar o estudante a querer fazer uma prova e procurar um Ensino Superior, e com uma boa perspectiva, os professores têm proporcionado práticas condizentes com os interesses dos estudantes também em relação a esses estudos.

Em relação à estrutura escolar, este é o maior ponto de desencontro entre as respostas dos estudantes da rede pública e da rede privada. Os estudantes W e Z acreditam que a falta de estrutura e investimentos governamentais são grandes problemas das instituições nas quais eles estudaram. Ambos os estudantes sentem não ter tido apoio por parte das instituições escolares em relação a preparação para as provas externas. Entretanto, para eles os professores são sempre colocados como os propulsores dos assuntos referentes às provas externas e à vida após o Ensino Médio. As dificuldades, a falta de espaços como bibliotecas mais amplas, mais simulados, debates e aulas de reforço são algumas das problemáticas apontadas pelos estudantes.

As estudantes X e Y demonstraram outra percepção sobre a escola. Quando perguntadas sobre como a escola auxiliou na escolha da sua profissão ou mesmo em relação à preparação para as provas externas, as respostas se mostraram semelhantes: encontros com psicólogos, debates oferecidos pela escola, dia das profissões, entre outras preparações das instituições. As escolas privadas apontam uma melhor estrutura escolar, tanto física quanto administrativa.

Em relação à falta de professores no Ensino básico, os estudantes da rede pública relataram inúmeras lacunas no quadro docente, além de grandes tempos de ausência, de acordo com o estudante W:

Eu tive durante o terceiro ano do Ensino Médio, eu não me recordo o que aconteceu exatamente, se foi greve dos professores, se foi falta por algum motivo ou falta do professor. Mas eu lembro que no último ano do Ensino Médio eu tive baixa de uns três professores. Eu realmente não me recordo do motivo e eu me lembro da minha aflição de ficar sem três professores no último ano do Ensino Médio, eu lembro que faltava o professor de Matemática, o outro era de Geografia e o outro eu não recordo do que era, mas eu lembro que foi horrível e durou em torno de uns três meses. Mensalmente faltava muito professor e a escola só nos mandava pro pátio esperar o próximo período seguinte, porque não tinha professor. Estudante W

A estudante Y também relatou falta de professores na instituição, a estudante apontou que a professora de Espanhol apresentou algum problema e não pode mais frequentar a instituição, em contrapartida, os estudantes não foram orientados a ir esperar no pátio, mas tiveram a substituição dos seus períodos de espanhol por Inglês.

Todos os estudantes acreditam que as práticas pedagógicas dos professores de Geografia eram condizentes com suas demandas, e, quando perguntados em relação aos estudos e preparações referentes às provas externas, todos os professores em algum momento do Ensino Médio apresentaram preocupações. De acordo com os estudantes, as práticas envolviam resoluções de questões de vestibular e ENEM, além de resumos e orientações sobre o que poderia cair nas provas. Pelo olhar dos estudantes entrevistados, os professores desempenham preocupações múltiplas referentes ao ensino de Geografia e não se mantêm estagnados a ensinar um ou outro aspecto da disciplina. Y reforçou a importância da sua professora, na sua construção enquanto cidadã e preparação para as provas:

Em relação aos conteúdos e às provas externas, eu tiro meu chapéu pra minha professora, eu acho que ela fez um trabalho excelente e teve uma parte do conteúdo que foi a parte que mais chamou minha atenção, a parte humana, conflitos territoriais, FMI, globalização, enfim, essas partes mais humanas e externas de Geopolítica, então sim, essa parte até cai na UFRGS,

uma ou duas questões, mas o conteúdo é muito grande, a quantidade de conflitos mundiais é muito grande, essa parte do conteúdo é muito grande. Eu lembro que a minha turma queria estudar isso desde o primeiro ano, mas hoje eu entendo porque não foi trabalhado essa parte no primeiro ano, nós não tínhamos maturidade ainda, a gente brincava de rocha no primeiro ano e achava ruim. Eu achei que essa parte ela não ia conseguir dar direito, porque ela iria priorizar o que caía mais, mas ela conseguiu trabalhar muito bem. Então eu acho que é por esse motivo que eu tiro meu chapéu pra professora Cris, porque ela conseguiu tanto dar o conteúdo pras provas externas, quanto trabalhar essas questões importantes de formação do ser humano. Estudante Y

Todos os estudantes acreditam ter tido um Ensino Médio de qualidade e vivenciado uma experiência agradável. A estudante X acredita que seu tempo no Ensino Médio foi bom e o único problema apontado foi a falta de correções nos simulados proporcionados pela escola. A estudante Y acredita ter tido a melhor experiência possível em uma escola que a instigou e a desafiou a todo o momento; além disso, acredita ter tido o melhor apoio emocional, pois em momentos em que a estudante ficou mal com algumas questões pessoais, a escola conseguiu ajudar com o auxílio de psicólogos ou mesmo de professores.

A estudante Z, também teve uma boa experiência no Ensino Médio, apontando relações de amizade entre seus colegas e professores até hoje, além de momentos felizes gravados na memória como gincanas e eventos proporcionados pela escola, além de enfatizar o quão importante foi a merenda escolar; em contrapartida, acredita ter tido uma falta de cuidado por parte da escola com um Ensino que faltou força. A fala da estudante Z é um contraponto à realidade de da estudante Y, que entre os seus apontamentos, colocou a escola como um lugar instigador e desafiador.

O estudante W é o primeiro a falar que seu Ensino Médio foi complicado. Ele não acredita que foi de todo ruim e, assim como a estudante Y, também teve memórias boas, embora bastante turbulentas. A fala do estudante W traz problemas como violência, uso de drogas e suicídio dentro da escola, realidade que o estudante acredita ser um problema fruto da falta de pulso da instituição, gerando um clima tenso e turbulento. A fala do estudante W também é um contraponto à estudante Y. São realidades muito diferentes que causam impactos diretos na vida dos estudantes.

Quando perguntados sobre os simulados que aconteceram no Ensino Médio, os estudantes mostraram diferentes visões. As estudantes X e Y apontam que realizaram simulados com regularidade no Ensino Médio. Em ambas as escolas particulares as estudantes apontaram em torno de nove simulados, sendo um a cada

trimestre, sendo estes simulados avaliações que concediam pontuações extras no trimestre para incentivar os estudantes. Entretanto, as estudantes relataram certo descaso da instituição com a aplicação desses simulados, uma vez que não existia correção.

De qualquer forma, é surpreendente pensarmos que existe essa regularidade desde o primeiro ano do Ensino Médio. Os estudantes W e Z apontam outra visão sobre os simulados das suas respectivas escolas. Entre os relatos, a estudante Z não se lembra de ter vivenciado nenhum simulado e W apontou um ou talvez dois, sem grandes estímulos por parte da escola. A estudante Z, pertence a mesma escola que a professora C, o que nos leva ao primeiro contraponto de visões. A professora acredita que a sua escola propõe um bom suporte para os seus estudantes, mas não é o que a estudante aponta. Mesma situação com o estudante W, que pertence a mesma escola do professor D, suas visões sobre a escola também divergiram.

6. OUVIR AQUELES QUE SE IMPORTAM, OS PROFESSORES

Talvez um dos elementos que mais entenda e reflita sobre a escola é a figura do professor. Profissionais que passam horas dentro das suas instituições e acabam se tornando observadores e comunicadores entre os estudantes e a administração escolar, além de terem uma bagagem profissional que ultrapassa os limites da própria instituição, criam relações entre outras escolas e sociedade de modo geral. Esse capítulo tem como propósito refletir sobre as falas dos professores entrevistados e interseccionar as vivências entre os quatro professores para entender as diferenças entre as preparações para as provas externas.

Todos os professores entrevistados acreditam que os seus alunos têm potencial para, ao finalizar o Ensino Médio, prestar uma prova externa de acesso ao Ensino Superior e ter sucesso. Entretanto, as falas dos professores apontam diferenças nos interesses dos alunos em prestar essas avaliações. Os estudantes da rede privada, ao finalizarem o Ensino Médio, provavelmente prestarão alguma prova externa. O professor A observa que o maior foco dos seus estudantes é o ingresso na UFRGS e que sua turma de 35 alunos, cem por cento prestará o vestibular. A professora B aponta que, na realidade dela, e entende-se aqui como a realidade da escola particular, ou seja, a mesma do professor A, os estudantes de modo geral finalizarão o Ensino Médio e se espera que eles deem continuidade aos estudos no Ensino Superior.

Para esse interesse da parcela dos estudantes que eu trabalho hoje, eu diria que está relacionado com o nível socioeconômico de certa forma, porque eles querem dar uma continuidade a esse estudo, então, automaticamente, já faz parte desses planos de vida, de terminar o Ensino Médio, se inserir em uma universidade, então isso já faz parte do nosso diálogo cotidiano dentro da escola, dos planos que se faz para a finalização do Ensino Médio. Professora B

Os professores da rede pública apontam outras características em relação aos seus estudantes. De acordo com a professora C, é provável que metade da sua turma de terceiro ano preste alguma prova externa ao finalizar o Ensino Médio. Já com o professor D, poucos estudantes mostram interesse em prestar alguma prova externa. De acordo com a professora C, o desinteresse dos estudantes da rede pública está fortemente relacionado com as demandas de entrar no mercado de trabalho, exigidas pela família. Além do pensamento de que a universidade não é um espaço para eles, estudantes da escola pública.

Hoje eu trabalho com turmas de trinta e cinco a quarenta alunos, desses alunos eu acredito que a metade tem interesse em fazer essas provas, a outra metade ou já trabalha e estuda na escola ou vai sair da escola e procurar um trabalho que precise apenas do Ensino Médio completo.

O contexto da escola pública é um contexto familiar que não vai incentivar os alunos a fazer uma graduação. A grande maioria dos pais não terminou o Ensino Médio e trabalham no setor do comércio ou profissões [que] de modo geral trabalha muito e ganha menos, então é difícil para eles estabelecerem uma projeção sobre um futuro de trabalho. O que eu percebo é que eles pensam que se eles fizerem um Ensino Superior, uma graduação, eles vão ter salários melhores. Então se for analisar melhor essa conjuntura, os estudantes não sabem quais são as opções de cursos que eles podem fazer e onde eles podem tentar fazer esses cursos. Professora C

E em outro momento da sua fala, complementa que:

Quem passa em Medicina hoje é quem pode pagar o melhor cursinho, passa o dia inteiro estudando, quem tem um suporte da família. Essas questões são ditas e passadas adiante e isso chega direto no ouvido do estudante da escola pública, então eles já chegam com o pensamento “Isso não é pra mim, imagina que seria, eu moro na Cruzeiro, esse tipo de coisa não é pra mim”. Professora C

Quando perguntados sobre as dificuldades dos estudantes, as respostas também apontaram diferenças. Nos alunos da rede particular, as maiores dificuldades são o medo da reprovação e a ansiedade de escolher uma profissão. O professor A acredita que sejam frutos de pressões sociais, principalmente por parte da família. A professora B concorda com esse sentimento de ansiedade de modo geral entre os seus alunos e aponta que é papel do professor saber lidar com essas questões, tendo um olhar mais empático com o seu estudante. Os professores da rede pública também observam esse sentimento de ansiedade ao finalizar o Ensino Médio, em contrapartida, a lista de problemas apontados são muito maiores, incluindo aspectos como a fome, trabalhar no turno inverso, preguiça mental e a organização do estudante, uma vez que a professora C acredita que os estudantes da rede privada, por terem uma maior cobrança e apoio dos familiares, lidam melhor com essa questão.

Todos os professores entrevistados acreditam que suas escolas exercem um bom suporte para o estudante que está se preparando para as provas externas. Aspectos como simulados, debates, conversas e encontros com profissionais foram pontos em comum quando questionados sobre o papel da escola nessa perspectiva. Entretanto, a professora C aponta que isso é um aspecto da sua escola atual e não da rede de ensino como um todo. Em outras escolas na qual já trabalhou, ouviu falas de professores e do corpo administrativo bastante preocupantes. “Eu já ouvi de colegas, da direção ou da administração de modo geral coisas do tipo ‘Esses aí não

tem a menor condição de entrar em faculdade, eles vão trabalhar em algum mercado...’.

Sobre as conversas em relação às provas externas e a vida após a escola, os professores da rede privada, apesar de preocupados, apresentaram certo distanciamento desses assuntos; ambos acreditam que a escola tem um bom sistema de apoio para o estudante e por isso não conversam sobre. Eles se ancoram nas atividades oferecidas pela escola, como os encontros com psicólogos e orientadores profissionais. A professora B acredita que em determinado ponto, isso possa ser uma falha dela, mas, ao mesmo tempo, ela observa que a escola realiza um bom suporte nesse aspecto e acaba focando-se mais em outras questões da sala de aula. Mesmo assim, ela nunca deixou de orientar nos casos eventuais em que seus estudantes a procuraram.

Já os professores da rede pública, demonstraram ter uma maior proximidade com essas conversas e disseram que frequentemente abordam o assunto com os seus estudantes. Esse dado, quando relacionado com os estudantes da escola pública, evidencia que o apoio parte muito mais por parte dos professores e suas conversas a respeito das provas do que pelo corpo administrativo da escola pública.

Todos os professores, em algum momento do planejamento de suas aulas, pretendem contemplar também os estudos voltados para as provas externas. Os professores acreditam que essa preparação é importante, entretanto não deve ser o único orientador das aulas. Entre seus planejamentos, questões como criticidade, sobrevivência, relações espaciais pertinentes à realidade do estudante e uma Geografia que pertença ao estudante, são elementos importantes que devem estar presentes no cotidiano da sala de aula. Sobre a preocupação com as provas externas, a professora (ORTEGA, 2001, p. 155) acrescenta:

Não estamos querendo dizer que a escola deve se subordinar ao vestibular, ou qualquer outra forma de seleção para o ingresso no ensino superior, mas o resultado de uma boa forma o pode possibilitar melhores chances de desempenho não apenas no vestibular, mas também para conseguir um emprego, já que para isto se exige um maior nível de escolaridade.

Quando questionados como funcionam essas práticas pedagógicas que contemplam as provas externas, de modo unânime, os professores responderam que utilizam questões de provas anteriores em suas avaliações. Nenhum professor mostrou uma prova inteira para os seus estudantes, pois acreditam ser uma proposta deslocada. A professora C ainda aponta que as provas externas assustam seus

alunos, criando certos bloqueios na hora de resolver as questões. Em determinados momentos das suas avaliações com questões de vestibulares, ela inclusive escondia a referência como um facilitador para os alunos. Após a resolução a professora apontava que determinada questão pertencia à UFRGS, por exemplo, os surpreendendo.

Em relação às provas externas, é notável que tanto os professores da rede pública, quanto privada, apresentam tendências de se preocupar mais com o ENEM do que com outras provas. Eles caracterizam a prova como sendo melhor elaborada, tendo um olhar mais reflexivo sobre os objetos de conhecimento e assim se mostrando menos conteudista, o que correlaciona bem com suas práticas pedagógicas, uma vez que os mesmos acreditam que os processos reflexivos são mais importantes do que decorar conceitos soltos.

7. REFLEXÕES SOBRE AS ENTREVISTAS

Este capítulo é responsável por relacionar os capítulos três, quatro e cinco da pesquisa, elaborando relações entre as falas dos entrevistados e referenciais teóricos que façam apontamentos pertinentes à discussão sobre as diferenças entre as realidades escolares.

A realidade presenciada pela escola pública perpassa vários outros problemas que são muito mais urgentes do que estudar para uma prova externa, mesmo essa também sendo uma questão de suma importância. A fome, por exemplo, é um elemento que passa na frente da preparação para as provas externas, pois apresenta a realidade de um espaço no qual é necessário frequentar todos os dias. De acordo com Sawaya (2006) “Sabemos que a merenda pode, no entanto, resolver a “fome do dia”, ou seja, o problema do estômago vazio, que compromete a capacidade de atenção, a disposição para aprender de qualquer ser humano” dado importante quando relacionado com não só o prepara para as provas externas, mas em um contexto geral de conforto e condições mínimas para permanência na escola.

Esse foi um elemento de grande contraste entre as realidades e, mesmo sem ter uma pergunta direcionada para essa problemática, esse fator aparece em duas falas. A estudante egressa do Ensino Médio Z, afirma que um dos bons momentos da sua vivência escolar era o momento da merenda gratuita oferecida pela escola. E ela deixa claro que, por ser de graça, isso possibilitava a ela poder alimentar-se durante o período escolar, pois caso fosse pago, ela não teria condições financeiras para poder comprar um lanche. O professor D também aponta que os seus estudantes procuram a instituição para comer a merenda. Os outros estudantes entrevistados não comentam em suas falas sobre comer na escola, mas é intrínseco pensarmos que estudantes da escola privada não devem passar por condições semelhantes a da estudante Z, uma vez que a própria permanência dentro da instituição requer pagamentos mensais.

O professor A e a vestibulanda Y, que estudou em uma escola privada, acreditam que a instituição privada é um espaço privilegiado. Durante as entrevistas, os participantes colocavam em suas falas alguns dos benefícios de ter participado da escola privada. O professor apontou que apesar de não viver uma vida de grandes luxos e de vivenciar dificuldades específicas do meio privado, não sofre com salários parcelados e acredita viver em uma realidade privilegiada frente aos desafios da

docência no ensino básico, no Brasil. Já a estudante Y, entende que teve o privilégio de poder participar de uma instituição privada, cheia de recursos e possibilidades, mas acredita que na atualidade, o estudante da rede pública está melhor preparado para uma avaliação como o ENEM, que é menos conteudista e mais reflexivo. A construção dessa visão de uma escola privilegiada são respostas de perguntas que não foram solicitadas, mas que se encontram devido ao assunto em questão: a preparação dos alunos para as provas externas. Isso mostra que é intrínseco ao debate sobre a preparação das provas os espaços privilegiados que influenciam na hora de estudar ou de exercer a profissão.

O professor A aponta que crescemos em um mundo competitivo e ele se mostra em dúvida sobre o atual processo de seleção para entrar nas faculdades.

Nós vivemos em um mundo onde a gente cresce já em uma competição, é tudo muito competitivo hoje em dia. Eu não saberia te responder profundamente se eu acredito e concordo, desde muito tempo, com um processo seletivo pra entrar nas faculdades. Ao mesmo tempo em que uma faculdade pública deveria ser de todos, ao mesmo tempo não é de todos. Basta fazer um censo demográfico dos alunos de Medicina e dos alunos de Geografia, por exemplo, que tu vai ver a origem deles e [depois] faz o contraponto nas universidades particulares, o que nos leva a crer que a universidade pública não é tão pública assim. Professor A

Em outro momento de sua fala o professor acrescenta:

Não querendo ser malvado ou ofensivo, mas quando tu vai fazer um perfil socioeconômico dos estudantes de Medicina, por exemplo, e eu falo aqui com um pouco de propriedade porque eu trabalhei seis anos em um pré-vestibular para Medicina, tanto na capital quanto no interior, o perfil dos meus alunos era de classe "A+". Nada contra, mas estudavam, passavam em quinze faculdades, mas no fim queriam fazer a universidade pública, alunos esses que já vi gastar setenta mil reais em um cursinho pra depois passar em uma universidade pública, onde aquele aluno que vem do Ensino Médio com toda a defasagem do ensino que nós temos, não vai conseguir bater de frente com eles.

Então quando eu falo dessa questão da origem, tu pega [que] infelizmente com cursos altamente concorridos acaba existindo uma seleção de alunos com alto poder aquisitivo investindo no ingresso da educação pública e muitas vezes o que eu percebo são que em cursos de universidades particulares, o aluno que vem de uma classe média ou média baixa tem que trabalhar durante o dia pra estudar à noite, às vezes casado, tem que ser pai ou mãe, marido ou esposa, então a gente percebe essas diferenças bem gritantes, principalmente em cursos altamente concorridos como a Medicina.. Professor A

Não se trata de ser malvado, infelizmente é a realidade presenciada pela população mais pobre. A estrutura cultural e socioeconômica que vivenciamos hoje, é um ciclo repetitivo onde os privilegiados continuam com as profissões mais bem pagas. E, por fim, o professor acrescenta:

[...] o que nós precisamos ter é o velho sonho, afinal, todo professor é um sonhador, de existir um grande investimento público dos nossos governos em todas as suas escalas, em melhorar a nossa qualidade da educação.
Professor A

Em outros momentos da presente pesquisa, falas entre os participantes da rede pública também apontam diferenças de privilégios entre as duas redes de ensino. A professora C acredita que determinadas demandas não fazem parte da escola privada, ocasionando em um espaço privilegiado. O estudante W utiliza a expressão “um ensino bem de escola pública, sabe?” para remeter a um pensamento de algo que não necessariamente é bom, ou não é bom por completo, fazendo referência indiretamente ao ensino privado. Sendo assim, mesmo sem apontamentos diretos, as falas dos entrevistados são carregadas de uma intencionalidade que é possível entendermos como essa diferença nas instituições. As conclusões possíveis sobre as falas, tanto dos entrevistados da rede privada quanto da rede pública, são cabíveis de várias conclusões, mas uma das inquietações que foram levantadas é: Existe um consenso na sociedade de que a escola privada é melhor quando pensamos em diferenças na preparação para as provas externas? É uma concepção perigosa, porque isso também alimenta o pensamento dos estudantes da rede pública de que eles, por fazer parte da escola pública, não vão ser pertencentes ou talentosos o bastante para competir com os estudantes da rede privada.

O número de simulados entre as instituições também se mostrou bastante diferente. A escola privada apresentou, nas falas dos estudantes, cerca de nove simulados entre os três anos do Ensino Médio, para ambas estudantes da rede privada. Já entre os dois estudantes das escolas públicas, ambos relatam entre nenhum, um ou dois no máximo entre os três anos. A necessidade de discussão e de realização de simulados vai além de praticar uma prova externa. De acordo com NASCIMENTO COUTINHO E PINHEIRO (2013, p. 77):

Dos alunos questionados, apenas 18 sabem que esses programas oferecem uma oportunidade de acesso ao Ensino Superior, mas em contrapartida 29 não sabem qual o elo entre o ENEM e esses programas. Alguns alunos, em sua maioria, não sabem o que significa e como funcionam essas etapas, portanto, apresentam ter apenas uma noção básica sobre as possibilidades que o governo federal vem implantando e aperfeiçoando junto ao Ensino Médio nas últimas décadas. Observa-se em análise que os alunos realizam o exame do ENEM e depois não sabem quais os procedimentos seguir para lançar suas respectivas notas nos programas, que de certa forma, somam etapas no ingresso as universidades públicas ou privadas no Brasil.

Isso nos mostra como a escola tem papel fundamental no suporte a esse aluno que está finalizando o Ensino Médio e como essas relações podem estar interligadas a prática de simulados.

Outro ponto importante que deve ser abordado, é a relação existente entre as pessoas que ocupam a escola, com o espaço escolar propriamente dito. Entre os professores e estudantes da rede privada, não é possível apontar grandes diferenças de percepção da escola. Tanto os professores, quanto os estudantes apontam sempre como um espaço que tem um bom suporte em relação às provas externas e que de modo geral, contempla as necessidades esperadas. Já em relação à escola pública, existe um contraste muito maior entre essas percepções. Os professores da rede pública acreditam que suas escolas propõe um bom suporte para os seus estudantes em relação às provas externas, mas essa percepção vai de contraponto às percepções dos estudantes, que acreditam não ter tido um suporte ruim ou muito pouco, quando questionados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é um pequeno recorte da realidade brasileira em 2021, mas que está diretamente relacionado com estruturas de poder antigas da nossa sociedade, que caracterizam e ditam as diferentes redes de ensino. Aqui foram apontadas discussões baseadas nas reflexões de estudantes e professores, das escolas públicas e privadas, sobre as diferentes preparações dos estudantes na hora de prestar uma prova externa.

A proposta de discutir essas diferentes realidades escolares não foi, em um primeiro momento, objeto de pesquisa. Antes disso, acreditávamos que a existência dessas diferenças estava diretamente relacionada com a prática docente dos professores de Geografia, por pressões sociais da escola privada possivelmente, mas resumidamente acreditava-se que era uma escolha do professor, estando em suas mãos o poder de simplesmente decidir os métodos a serem trabalhados, e esses seriam ponto central entre os estudantes, que passariam a querer fazer provas externas e aqueles que não.

A possibilidade de mudança do cerne da pesquisa só foi possível devido a metodologia de pesquisa qualitativa, onde ouvindo os apontamentos dos professores e dos estudantes, percebeu-se que a estrutura escolar não era tão simples quanto parecia e o professor não detinha esse poder conclusivo de escolha. Em verdade, se os professores o tivessem, todos eles gostariam que seus estudantes prestassem provas externas, mas as resoluções são muito mais complexas do que meros desejos, e essas, não seriam apontadas em uma pesquisa quantitativa, onde um grande número de professores responderia que sim ou não.

As dificuldades da utilização desse modelo de pesquisa foram múltiplas. A necessidade de realizar entrevistas em caráter online devido a pandemia da Covid-19, criou um distanciamento entre o entrevistador e os entrevistados. Alguns entrevistados optaram por não abrir a câmera durante as entrevistas, o que acaba tornando-se um contraponto quando se pensa em metodologia de pesquisa qualitativa, pois essa relação visual entre o entrevistador e o entrevistado é necessária, faz parte da logística de pesquisa, já que as expressões por exemplo, são muitas vezes reflexos do entendimento do entrevistado sobre a pergunta que lhe foi feita. Entretanto, tal fator não foi um impedimento para a realização da pesquisa e

conclui-se que o método de pesquisa qualitativa foi extremamente necessário para a construção das discussões.

As primeiras reflexões propostas no capítulo quatro apontaram os abismos sociais que vivemos na educação brasileira, baseados em referenciais que colaboraram com a construção dessas discussões acerca das diferenças entre escolas públicas e privadas. São apontamentos necessários como combustível da pesquisa, que apesar de discutirem essas diferenças em outras perspectivas, como por exemplo, quais os desejos dos estudantes do Ensino Médio para o futuro? Qual a origem na educação básica dos estudantes de Medicina? São elementos que tangenciam a discussão proposta, uma vez que as diferenças escolares são frutos de construções históricas e sociais.

Os capítulos cinco e seis são o cerne da pesquisa proposta, onde foram utilizados dados primários para a criação das relações entre as perguntas elaboradas na metodologia de pesquisa e as falas dos entrevistados. As discussões abordadas nesses capítulos, seguem a ordem dos grupos de perguntas propostas.

Sobre as relações construídas, de acordo com as falas dos entrevistados, é evidente que existem diferenças e semelhanças entre as escolas públicas e privadas. Mas mesmo assim, as diferenças sobressaem no aspecto referente à preparação para as provas externas. Entre as falas dos entrevistados pertencentes à rede pública, foram apontados vários elementos estruturais defasados nas suas escolas, o que nos leva direto às relações de desamparo que os estudantes sentem em relação às suas preparações para as provas externas.

Já as relações entre os entrevistados da rede privada se mostraram diferentes. De modo geral os professores e estudantes acreditam que as suas escolas pertencem a uma realidade privilegiada, sem grandes faltas de professores e um bom suporte escolar referente a preparação para as provas externas.

O capítulo sete pertence a uma ordem de reflexões diretas em relação às estruturas escolares, alimentando as discussões acerca dessas diferenças entre escolas públicas e privadas na preparação para as provas externas.

Sendo assim, foi possível concluirmos que existem relações entre esse imaginário social que são essas diferenças nas escolas, junto dos apontamentos dos entrevistados, na preparação dos estudantes em relação às provas externas. Este trabalho teve como propósito fomentar a discussão acerca dessas diferenças nas redes escolares, enquanto mecanismos que sustentam diferenças socioeconômicas

na nossa sociedade. Como resultado desta pesquisa, foi possível concluirmos que existem diferenças na preparação dos estudantes entre escolas públicas e privadas, sendo essas diferenças, interligadas a escola, a sociedade e a família.

REFERÊNCIAS

ANDES, **Brasil tem recorde de desigualdade, pior renda média e população está mais infeliz, diz FGV Social**. Disponível em:

<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/brasil-tem-recorde-de-desigualdade-pior-renda-media-e-populacao-esta-mais-infeliz-diz-fgv-social1>. Acessado em 04 de Novembro de 2021

FIOROTTI, K. P.; ROSSONI, R. R.; MIRANDA, E. A. Perfil do Estudante de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, 2009 .1 ed. Espírito Santo: **Revista Brasileira de Educação Médica**. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/tVnT5cSnsjxkRck3gYTkFVP/?lang=pt&format=pdf>. Acessado em 04 de Novembro.

GANAM, E.A.S.; MOREIRA, ANA CAROLINA G. S. S. **Retratos da desigualdade social**: reflexões sobre a permanência de estudantes pobres egressos da escola pública na universidade pública. ENPESS. UFES, Vitória-ES.

Governo do Brasil, **Educação Básica teve 47,3 milhões de matrículas em 2020**.. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/01/educacao-basica-teve-47-3-milhoes-de-matriculas-em-2020>. Acessado em 04 de novembro de 2021

LIZÁRRAGA, F. La meritocracia como mito legitimador de la desigualdad. Mérito, reconocimiento y castigo **PubliFadecs**. 1. ed. p. 89-114. Agosto de 2021.

MARTINS, F.S.; LISBOA, M.D. A voz dos “degradados”: o que dizem cotistas ingressos em cursos de maior demanda da Universidade Federal de Santa Catarina. In: ANPED SUL, 5, 2014. **Anais...** Florianópolis, 2014.

NASCIMENTO, F. S.; COUTINHO, T. C.; PINHEIRO, J. A. **Exame nacional do ensino médio - ENEM: um olhar dos discentes do 3º ano do ensino médio e sua preparação para o ingresso no ensino superior**. Educação em Revista, Marília, v. 14, n. 2, p. 69-92, Jul.-Dez., 2013.

OLIVEIRA, I. C. V.; SALDANHA, A. A. W. **Estudo comparativo sobre a perspectiva de futuro dos estudantes de escolas públicas e privadas**. Paideia, Ribeirão Preto, Vol. 20, No. 45, 47-55. Abril, 2010.

ORTEGA, Eliane Maria V. O ensino médio público e o acesso ao ensino superior. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 23, p. 153-176, jan./jun. 2001.

PATTO, M. H. S. **Família pobre e a escola pública**: anotações sobre um desencontro. Psicologia USP, 1. ed. São Paulo, 3(1/2), p. 107 - 121. 1992.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima. PESSOA, Vera Lúcia Salazar. Pesquisa qualitativa: conceitos básicos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SAWAYA, M. S. **Desnutrição e baixo rendimento escolar: contribuições críticas.** Estud. av. Universidade de São Paulo/BR 20(58): 133-146, set.-dez. 2006.

Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/ea/a/dyHN6N7bHZwJzdTjpdX6Jyd/?lang=pt>#Acessado em 05 de Novembro de 2021

YIN, R.K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** 1. ed. Porto Alegre: Penso 2016.

9. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

COMISSÃO DE PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE

**PESQUISA: As Práticas do Professor de Geografia e sua Importância
com as Provas Externas**

COORDENAÇÃO: Anderson Dallavale Borzzatto

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade compreender práticas pedagógicas dos professores de Geografia do Ensino Médio do município de Porto Alegre, em relação às práticas adotadas pelos docentes no planejamento de suas aulas, levando em consideração as provas externas.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa quatro professores de Geografia do Ensino Médio e quatro alunos egressos da educação básica

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você participará de uma conversa com o pesquisador, que terá duração de aproximadamente trinta minutos. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com o e-mail andersondvb@gmail.com ou telefone (51) 998589086

SOBRE A CONVERSA: Serão solicitadas algumas informações básicas sobre o participante. Após isso, será adotada a metodologia narrativa com o direcionamento relativo ao cotidiano da sala de aula para a preparação de provas externas junto aos alunos. Além disso, será investigado também as estruturas escolares disponibilizadas para o debate sobre as provas externas,

uma vez que o espaço escolar não é apenas baseado nas ações dos professores, mas sim em uma complexidade de elementos que constroem a escola.

RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas...

Av. Paulo Gama, s/n, sala 918, Centro Histórico, Porto Alegre, RS – Cep: 90046-900 – Fone: 3308.3098 – Contato: <compesq@ufrgs.br>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COMISSÃO DE PESQUISA

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante

Assinatura do participante

Local e data

Coordenador(a) da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a professora Roselane Zordan Costella Departamento de Ensino Currículo (DEC) da Faculdade de Educação da UFRGS

11. APÊNDICES

Apêndice A

ENTREVISTA ESTUDANTE X

Qual a sua idade?

Dezenove anos.

Em quantos anos você fez o Ensino Médio?

Três anos.

Durante a educação básica você demonstrou interesse em estudar para as provas externas?

Não demonstrei interesse em estudar para essas provas.

A que você atribui o interesse ou desinteresse em relação a preparação das provas externas?

Não tinha muita noção da importância dessas provas e não tinha noção do quão difícil eram essas provas. Durante o Ensino Médio, nós fazíamos simulados, mas nunca era levado muito a sério. Valia nota, mas era bem pouco e era relacionada de acordo com a quantidade de acertos. Se tu fizesses 20 acertos na prova, já tirava a nota máxima e por isso eu também nem estudava quando tinha simulado no colégio. O simulado acontecia em dois dias e era sempre do ENEM, UFRGS nunca teve. Então foram dois dias seguidos e não tinha aula, não havia correção e era isso. Caso a gente tivesse dúvida sobre uma questão, a gente podia perguntar pro professor e ele respondia, mas era só isso.

O que você pensa que faltou na educação básica para melhor te preparar para as provas externas? Caso tenha faltado.

A meu ver, o que mais faltou na minha preparação foram os simulados que não tinham correção. Eles só davam a prova e não viam os erros que a gente tinha, então faltou explorar mais a prova e não só dar, dessa forma, eu acredito que faltou melhor ensinar como fazer essa prova do ENEM.

Como a escola acompanhou durante o Ensino Médio a sua escolha profissional e as suas dificuldades para com as provas externas?

Na escola havia encontros com psicólogos que não ajudaram muito, eu tive bastante dificuldade para decidir.

Aluno: em média quantos simulados foram realizados sobre o Enem durante o Ensino Médio? (Nenhum, de 1 a 5, de 6 a 10, mais de 10)

Acredito que foram uns nove simulados, três a cada ano do Ensino Médio.

Você teve simulados a partir de qual momento na sua escola?

Eu não lembro se no nono ano eu tive, mas sei que no Ensino Médio era um por trimestre em todos os anos do Ensino Médio.

Você acredita que o número de simulados foi ruim, Médio ou bom?

Eu acho que foi Médio, mas acredito que o mais importante seria as correções, que não teve.

Durante o Ensino Médio você teve alguma disciplina que não foi trabalhada por falta de professor?

Não, sempre tive professores de todas as disciplinas.

Como o professor de Geografia articulou em suas aulas os conteúdos com as provas externas?

O professor A, que foi meu professor do terceiro ano, era mais resumido os assuntos, ele trazia o básico do que ia cair, mas eu não tive nenhum resumo de Geografia, eram os conteúdos do trimestre que eram dados e é isso.

O professor de Geografia em algum momento mostrou como funciona alguma prova externa necessária para o acesso ao Ensino Superior?

No terceiro ano tinham aulas extras que aconteciam no turno inverso ou à noite, sobre o ENEM e a UFRGS. Na sala de aula, era só se tivesse alguma questão que caiu em alguma prova do conteúdo que estávamos trabalhando.

Você acredita que o seu professor de Geografia teve um papel importante na sua formação? Por quê?

Eu tive uma professora que me ajudou muito a perceber as relações entre os conteúdos diferentes. Por exemplo, relacionar alguma coisa da atualidade com o passado. Ela fazia muito essas relações e isso me ajudou muito nas provas e na vida. De perceber alguma coisa que está acontecendo e conseguir relacionar com algo que já aconteceu.

Este último momento é para que você se expresse sobre como foi o seu Ensino Médio de forma geral, não necessariamente sobre Geografia ou o professor de Geografia. Os momentos felizes que você lembra, as angústias e preocupações da época, um apanhado geral de como aconteceu.

Foi bom. Acho que eu mudaria caso eu pudesse voltar no tempo, em relação a esses simulados. Prestar mais atenção neles e eu mesma corrigir essas questões. Mas de maneira geral, foi bem bom.

Apêndice B

ENTREVISTA ESTUDANTE W

Qual a sua idade?

24 anos.

Em quantos anos você fez o Ensino Médio?

Três anos.

Durante a educação básica você demonstrou interesse em estudar para as provas externas?

Sim, demonstrei.

A que você atribui o interesse ou desinteresse em relação a preparação das provas externas?

Eu atribuo aos meus professores. Eu recebi bastante incentivo, muito da parte dos professores da área de literatura, é um reconhecimento que eu tenho pela minha professora naquele momento. Mas todos os professores, sem nenhum em específico me incentivaram e durante um período eu fiz umas aulas pra aplicação da prova do ENEM e da UFRGS. Era um projeto do governo, mas eu não lembro o nome, eu fazia no turno inverso, eu estudava de manhã e no período da noite eu tinha essas aulas com o intuito de estudar para o ENEM, para a prova da UFRGS e tudo mais, e tudo isso foi incentivo da parte dos professores.

O que você pensa que faltou na educação básica para melhor te preparar para as provas externas? Caso tenha faltado.

Eu acho que foi estrutura e estrutura eu me refiro assim do local, daqui a pouco um ambiente mais preparado e acolhedor seria de grande valia. Eu estudei no Julinho, estudei em uma época que realmente o colégio público tende a não ser aquelas mil maravilhas. Então [faltou] uma biblioteca mais ampla e estruturas que nos embasassem para melhor nos preparar para a saída do Ensino Médio.

Como a escola acompanhou durante o Ensino Médio a sua escolha profissional e as suas dificuldades para com as provas externas?

Não, a escola enquanto instituição não ajudou. O que eu lembro são dos professores que eu tinha mais afeto, eles me cobravam mais, mas a escola não.

Em média quantos simulados foram realizados sobre o Enem durante o Ensino Médio? (Nenhum, de 1 a 5, de 6 a 10, mais de 10)

Eu acho que eu tive um ou dois, não lembro direito, mas assim nada obrigatório ou que mostrasse uma real importância. Era aquela coisa bem de escola pública, se

eu não demonstrasse interesse, o interesse vinha de mim em simplesmente optar por não fazer.

Durante o Ensino Médio você teve alguma disciplina que não foi trabalhada por falta de professor? Justifique.

Eu tive durante o terceiro ano do Ensino Médio, eu não me recordo o que aconteceu exatamente, se foi greve dos professores, se foi falta por algum motivo ou falta do professor. Mas eu lembro que no último ano do Ensino Médio eu tive baixa de uns três professores. Eu realmente não me recordo do motivo e eu me lembro da minha aflição de ficar sem três professores no último ano do Ensino Médio, eu lembro que faltava o professor de Matemática, o outro era de Geografia e o outro eu não recordo do que era, mas eu lembro que foi horrível e durou em torno de uns três meses. Mensalmente faltava muito professor e a escola só nos mandava pro pátio esperar o próximo período seguinte, porque não tinha professor.

Como o professor de Geografia articulou em suas aulas os conteúdos com as provas externas?

Ele articulava, o meu professor do Ensino Médio foi o Alex. Ele tinha uma didática bem boa, ele fazia aplicações de provas e trazia muitas questões de provas externas pra rotina da aulas e dessa parte eu me sinto até confortável, ele instigava bastante a gente, mostrando como era o tipo de questão, como era perguntado, quais eram os pontos que a gente devia prestar atenção, então em relação a esse professor em específico eu me sinto satisfeito.

O professor de Geografia em algum momento mostrou como funciona alguma prova externa necessária para o acesso ao Ensino Superior?

Mostrava sim, acho que ele nunca chegou a trazer toda a prova sim, essa foi a prova de Geografia, mas ao longo do semestre ele trazia questões importantes.

Você acredita que o seu professor de Geografia teve um papel importante na sua formação? Por quê?

Teve com certeza. Justamente pelo fato de ele ser um professor muito didático, ele era um dos professores que eu comentei que era bastante presente em relação a esse assunto, muito didático, ele cobrava bastante da gente de fazer simulado, simulados online, esse que era no turno inverso, então realmente tenho um percentual de gratidão bem grande.

Este último momento é para que você se expresse sobre como foi o seu Ensino Médio de forma geral, não necessariamente sobre Geografia ou o professor de Geografia. Os momentos felizes que você lembra, as angústias e preocupações da época, um apanhado geral de como aconteceu.

Foi complicado. O meu Ensino Médio, em específico, foi um momento bastante turbulento, mais por mudanças pessoais, mas, de maneira geral, quando a gente se refere ao Ensino Médio e a escola pública, foi [um período] bem turbulento. No período

que eu fiz o Ensino Médio, o Julinho já era um colégio bem conhecido, acredito que hoje em dia ele ainda é,[mas] infelizmente o Julinho é um colégio que na minha época não tinha boa fama, não tinha fama de um colégio onde os professores instigavam os alunos e orientavam a fazer cursos, então realmente a fama do meu colégio era de um local onde tinha muita regalia, onde os próprios alunos faziam uso de drogas dentro do colégio e eu realmente presenciei isso durante muito tempo no meu Ensino Médio, então assim eu sou eternamente grato ao Julinho, eu sempre comento que eu gosto muito do Ensino público, conheço muitos professores que acabam lecionando em escola pública, mas essa parte de cobrança a gente vê uma grande diferença entre a escola pública e a escola privada, a questão de estrutura também, eu sempre comento que no meu Ensino Médio quem quisesse se perder, se perdia fácil, se tu quisesse sair da sala tu saia, sair da escola era só sair, era realmente um colégio que não tinha muito pulso com os alunos, direto tinha tumultos, brigas, agressões, isso era bastante rotineiro.

O Julinho é realmente um grande colégio para quem quer crescer na vida, quem tem interesse em aprender, conheci muitas pessoas bacanas que eu tenho contato até hoje, mas realmente eu tive muita oportunidade de ir para o caminho errado no meu Ensino Médio. Então aí a gente acaba trazendo um pouco da parte da pessoa, de criação, da orientação dos pais pros filhos, mas sem sombra de dúvidas, eu tive 100% de chances de sair das aulas, fumar maconha na praça. Na minha época até teve uma menina que se suicidou na escola, pra tu ver como o clima era tenso e turbulento, mas ao mesmo tempo em que eu consegui me agarrar às pessoas que faziam sentido estar presente, estar junto, foi muito bom, foi um colégio que ofertava disciplinas de artes e línguas, então pra quem tem embasamento de casa e orientação, uma cabeça mais aberta, que acredito que é o meu caso, porque eu não fui pro “lado negro”, negro não, mas o lado mais ruim, foi um período muito turbulento e difícil.

Apêndice C

ENTREVISTA ESTUDANTE Z

Qual sua idade?

24 anos.

Em quantos anos você fez o Ensino Médio?

Eu fiz em três anos. Iniciei com quinze anos em 2012 e finalizei com dezessete em 2014.

Durante a educação básica você demonstrou interesse em estudar para as provas externas?

Durante a educação básica tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio eu mostrei interesse sim, mas não tão a fundo. Eu acredito que no Ensino Médio, quando eu comecei a trabalhar, fazer estágio, eu já não tinha tempo pra dedicar às provas, estudar para as provas, daí acredito que se eu tivesse me organizado na época e feito algum cronograma ou alguma jornada pra estudo, acredito que eu teria feito mais provas, mais vestibulares, mais testes, enfim, dentro da escola mesmo ou fora, pra conseguir uma bolsa pra poder estudar.

A que você atribui o interesse ou desinteresse em relação à preparação das provas externas?

Na minha experiência enquanto escola pública, tanto no Ensino Médio quanto no Fundamental, faltou mais incentivo do governo em relação aos vestibulares e ao Ensino em si, porque eu vi muita desmotivação em relação aos professores mostrarem pros alunos como era o vestibular, como funcionava, eu acho que faltava um incentivo e um interesse dos alunos também, de modo geral.

O que você pensa que faltou na educação básica para melhor te preparar para as provas externas? Caso tenha faltado.

A minha escola em particular só foi dar atenção aos vestibulares para os alunos que estavam no terceiro ano, no último ano. Eu lembro que frequentemente no segundo trimestre pro terceiro trimestre do ano, iam à escola diversas faculdades, principalmente faculdades particulares, incentivar os alunos a fazer o vestibular e dar dicas. E foi também uma equipe de um vestibular popular na escola chamar os alunos e incentivar a estudar, porque eles tinham a noção que muitos alunos ali já haviam começado a vida profissional, já faziam estágio ou trabalhavam, que tinham pouco tempo e condições financeiras muito mais baixas para poder bancar um cursinho pago e particular.

Como a escola acompanhou durante o Ensino Médio a sua escolha profissional e as suas dificuldades para com as provas externas?

Eu não tive nenhum tipo de acompanhamento, lembro que eu conversava com a minha professora de história sobre (porque nós éramos amigas), mas por parte da escola não tive a menor ajuda nesse sentido.

Em média quantos simulados foram realizados sobre o Enem durante o Ensino Médio? (Nenhum, de 1 a 5, de 6 a 10, mais de 10)

Não lembro de ter feito nenhum simulado dentro da escola, só em algumas atividades das disciplinas pra gente ter uma pequena noção de como era a prova, mas simulado eu não tive nenhum.

Durante o Ensino Médio você teve alguma disciplina que não foi trabalhada por falta de professor? Justifique.

Durante o Ensino Médio eu tive uma falta de professores em diversas disciplinas, não em todas, mas, por exemplo, houve troca de professores na metade do ano ou às vezes o professor parava de ir porque acontecia algum problema. Eu lembro que no meu terceiro ano do Ensino Médio, na disciplina de física, a gente não teve nenhum acompanhamento praticamente, não sei se o professor não tava interessado, pois a gente não tinha aula, praticamente. A gente entrava, dava a presença e saía, o professor não fazia questão de ensinar nada, não tinha paciência, enfim, foi uma falta de professor que teoricamente deveria estar presente.

Como o professor de Geografia articulou em suas aulas os conteúdos com as provas externas?

Eu lembro que na disciplina de Geografia a gente teve alguns trabalhos e discussões, fizemos muitas questões do ENEM, da UFRGS e vestibulares particulares. A gente resolvia essas questões de acordo com o que a gente tava vendo em aula. A professora era muito boa, ela incentivava a gente a continuar estudando, ter uma vida acadêmica, ter um diploma pra conseguir um emprego legal, mas basicamente foi isso, foi ter questões e atividades, algumas voltadas ao ENEM e à UFRGS.

O professor de Geografia em algum momento mostrou como funciona alguma prova externa necessária para o acesso ao Ensino Superior?

Sim, a professora, no caso, teve interesse em ajudar os alunos que tinham interesse, porque não eram todos. Ela mostrava interesse em mostrar como funcionava pelo menos o básico pra gente ter uma ideia de como funcionava tanto o vestibular privado quanto o [vestibular] da UFRGS, que era sempre o mais visado por os alunos terem mais disponibilidade pra estudar lá.

Você acredita que o seu professor de Geografia teve um papel importante na sua formação? Por quê?

Acredito sim que a minha professora teve, digo professora porque em todos os anos eu só tive mulheres ensinando Geografia. E sim, acredito que tive uma relação muito boa e acredito que elas edificaram a minha formação e sempre lembro com carinho como elas queriam que a gente fosse pra frente.

Este último momento é para que você se expresse sobre como foi o seu Ensino Médio de forma geral, não necessariamente sobre Geografia ou o professor de Geografia. Os momentos felizes que você lembra, as angústias e preocupações da época, um apanhado geral de como aconteceu.

O meu Ensino Médio foi muito bom, tenho lembranças muito boas dele. Lembro que saí da escola fundamental, uma escola de bairro e fui estudar em uma escola longe de casa, que tinha que pegar ônibus, tinha uma rotina e isso tudo era muito novo, descobri tudo [isso] no Ensino Médio. Tenho ainda amizades que até hoje mantenho o contato e alguns professores eu também tenho contato, nem que seja só pelas redes sociais.

Eu tive bastante coisa boa, sinto que faltou cuidado com os alunos e força no Ensino em si para puxar e interessar mais o aluno, em desenvolver o aluno. Mas em geral, foi incrível, tenho memórias muito boas, situações e gincanas e trabalhos em grupo, reuniões e eventos, foi muito incrível. Uma das coisas que me sinto muito grata em relação a minha escola, é sobre a merenda, porque eu não tinha dinheiro para ficar comprando, então eu sempre comia na escola e durante os meus três anos, sempre tive merenda todos os dias. Às vezes, por ser escola pública, o aluno não tem muita lembrança boa ou, enfim, mas acredito que sim, tive coisas boas e coisas ruins, momentos difíceis, mas que deu pra manejar e seguir e ter uma noção de como seria dali pra frente e como seria o futuro.

Apêndice D

ENTREVISTA ESTUDANTE Y

Qual a sua idade?

Dezoito anos

Em quantos anos você fez o Ensino Médio?

Três anos.

Durante a educação básica você demonstrou interesse em estudar para as provas externas?

Sim, na verdade, eu fui para minha escola por causa disso, o único objetivo era esse, mas aí no primeiro ano foi bem difícil porque lá o Ensino é bem puxado, ele é bem diferente do que era aqui em Guaíba e no primeiro ano foi bem difícil, mas no segundo e no primeiro eu já comecei a fazer ENEM e no segundo eu fiz ENEM e UFRGS e no terceiro eu não fiz porque não teve vestibular por causa da pandemia.

Hoje em dia existe uma grande dificuldade em relação às provas externas, pra mim o ENEM é mais difícil que uma prova de vestibular e daí como eu via essa concorrência para entrar no Ensino Superior, foi começando a cair a minha ficha: se o meu projeto de vida é estar na faculdade com vinte anos eu preciso começar a estudar agora. E foi por essa dificuldade dessas provas externas, hoje com o nível muito alto para alguns cursos, como direito e medicina (que são minhas opções, agora na verdade mais a medicina), que eu me encontrei. São notas de corte bem altas nesses cursos, não eram todos meus colegas que pensavam assim, mas eu já estava nessa de fazer provas e mais provas para o vestibular. Lembro que no segundo ano do Ensino Médio eu fiz a prova da PUCRS, então acho que isso exemplifica também bastante desse meu interesse em estudar para as provas.

A que você atribui o interesse ou desinteresse em relação à preparação das provas externas?

Eu tive uma experiência muito boa na minha escola, (não em relação a minha turma, com essa eu tive muito problema, na verdade), mas lembro que quando eu entrei no primeiro ano eles tinham [nessa escola] as listas de revisões do nono ano e eu não entendia nada. Eu aprendi muito mais no Ensino Médio na minha nova escola, no período de revisão, do que no meu Ensino fundamental inteiro e eu acho que eles notaram isso, de como eu queria aprender só que tinha muita dificuldade. Eu saí de um ritmo leve para um ritmo pesado, eu não cheguei a pegar nenhum exame final, mas eu não tinha nota para passar, teve um tratamento de filha, a meu ver, porque eu dei tudo que eu tinha pra dar, foi um ano muito desgastante e muito produtivo e eu senti essa resposta no final, do tipo “Estamos te vendo, é importante ir bem nas provas e passar no vestibular e tudo mais, mas aquela prova não define todo o seu aprendizado”. Minha experiência com eles foi muito boa, me acolheram muito quando eu cheguei lá.

O que você pensa que faltou na educação básica para melhor te preparar para as provas externas? Caso tenha faltado.

Agora eu faço cursinho, então agora eu noto muito diferença entre estudar para as provas externas e para escola, por exemplo. [Eu] tinha certa preocupação com as provas, mas o foco não era esse, teve uma bagagem mais humana na escola, então não faltou [preparação] porque teve todo esse lado de construção humana que eu não teria em outro lugar, essa parte de pesquisa, por exemplo.

Então mesmo que fosse um “aulão” o Ensino Médio inteiro e que talvez chegasse a ter um número maior de aprovados, a gente não teria essa construção humana. Ao mesmo tempo em que talvez pudesse ter mais preparação para as provas externas e isso ajudar, eu sinceramente acho que não faltou, pois essa parte da construção é muito importante, existe um limite que o colégio tem que ter, entre tu estar fora e tu estar se desenvolvendo como pessoa. Isso é um dos meus grandes medos em relação ao novo Ensino Médio, uma das minhas grandes críticas é esse foco muito grande em Português e Matemática e não tanto no desenvolvimento pessoal do aluno.

Como a escola acompanhou durante o Ensino Médio a sua escolha profissional e as suas dificuldades para com as provas externas?

Teve um auxílio da escola sim. Quando a gente entrou no primeiro ano eu já pensava muito no que eu ia fazer. Eu lembro que no segundo ano eu já ouvia dos professores, “Duda, tu vai fazer o vestibular mais difícil, tu precisa saber isso aqui”, então os professores já iam me guiando, por exemplo, “Se tu for fazer um vestibular mais difícil, tu não precisa saber isso, mas quem quer medicina, por exemplo, tem que saber”, eu considero isso como um acompanhamento escolar. Acredito que a escola foi bem presente na minha escolha de fazer medicina, em não deixar faltar conteúdos ou se eu precisasse de um apoio para qualquer outra coisa. Eu acho sim que teve bastante acompanhamento.

Em que momento você percebeu que queria cursar Medicina? A escola teve participação nessa decisão?

Antes de entrar na minha escola eu já estava em dúvida entre Direito e Medicina, eu lembro que foi no segundo ano que eu bati o martelo e falei “vai ser Medicina mesmo”. Então eu lembro que eu falei com os professores de Biologia pra perguntar o que eles achavam, conversei com bastante gente sobre [isso] e quando eu voltei pro segundo ano depois das férias, eles perguntaram “O que vocês estão pensando fazer depois da escola?” e tinha gente que falava que não tinha ideia, já eu falei que queria Medicina, aí a partir desse ponto eles começaram a me ajudar muito, tinha plantões de tarde em que o professor ficava pra tirar dúvidas e eu fazia várias listas, eles indicavam as listas e apontavam “Duda, pega a lista em tal site”. Então sim, eu tive um acompanhamento muito de perto, também porque eu corri atrás deles, eu gosto de dizer que foi um casamento, eu jogava minhas dúvidas e eles sempre presentes pra responder e me ajudar.

Em média quantos simulados foram realizados sobre o Enem durante o Ensino Médio? (Nenhum, de 1 a 5, de 6 a 10, mais de 10)

Acredito que foi dois no terceiro ano e um no primeiro e um no segundo, um total de quatro ou cinco simulados, não tenho certeza. Foram simulados do ENEM, era opcional fazer ou não o simulado, mas pra instigar os alunos a fazer os simulados, ganhava um ponto extra na média final, então se eu tirasse setecentos pontos no ENEM, com a minha nota extra eu tiraria zero ponto sete a mais na média final e por aí vai.

Como era o acompanhamento da escola em relação a esses simulados que aconteciam?

Não tinha, no primeiro e segundo ano eram simulados elaborados pela própria instituição, então eu acho que porque os professores não se envolviam muito eles não buscavam muito aqueles simulados. Eu lembro que no terceiro ano era bem mais discutido, mas essa preocupação sobre simulados e provas externas ficou mais evidente no terceiro ano mesmo.

Eu senti falta de um olhar mais atento em relação à correção das provas. Eu acredito que o aluno da escola particular hoje ele tem um grande dificuldade de fazer a prova do ENEM porque a escola particular ela é extremamente conteudista, então quando eu abro a minha prova no Ensino Médio, era só UFRGS E PUCRS, que são provas conteudistas, então não tinha um texto que ia me instigar a combater o senso comum. Hoje se tu conversar com um aluno da escola pública, ele vai te falar que é muito melhor pra ele fazer o ENEM do que fazer uma prova de federal, eu tenho essa visão porque os meus primos estudam em escola pública, então o que eu via deles, que não tinha tanto essa coisa de conteúdo, era que pra eles era muito mais fácil chegar em uma prova e tentar deduzir coisas através de um texto de apoio que é como funciona a prova do ENEM. Eles me falam que é muito mais fácil fazer a prova do ENEM do que da UFRGS ou PUCRS, por exemplo, então sim, eu entendo que estudar na escola particular é muito bom, mas eu acho que se na época da escola a gente tivesse discutido mais sobre o ENEM, hoje a gente teria mais condições de fazer uma prova como a do ENEM.

Durante o Ensino Médio você teve alguma disciplina que não foi trabalhada por falta de professor? Justifique.

Eu tive uma disciplina não trabalhada, o Espanhol. No primeiro trimestre ela deu vocabulário e então aconteceu algum problema porque ela realmente não trabalhou muito conteúdo e eu acho que ela foi demitida e nós ficamos um trimestre sem no semestre, eu lembro que a escola substituiu os períodos de Espanhol por Inglês, então ficou tudo bem. Hoje pra mim isso não faz muita diferença porque nas provas externas eu escolho Inglês, mas não teve por causa disso.

Como o professor de Geografia articulou em suas aulas os conteúdos com as provas externas?

A professora [de Geografia] foi minha professora nos três anos do Ensino Médio e no último ano a gente tinha Geografia I e II. A Geografia I era com a Cris, nela a gente continuava tendo normalmente os conteúdos do terceiro ano, e a II era com o professor Diego, em que a gente revisava os conteúdos do primeiro e segundo ano.

Em relação aos conteúdos e às provas externas, eu tiro meu chapéu pra minha professora, eu acho que ela fez um trabalho excelente e teve uma parte do conteúdo que foi a parte que mais chamou minha atenção, a parte humana, conflitos territoriais, FMI, globalização, enfim, essas partes mais humanas e externas de Geopolítica, então sim, essa parte até cai na UFRGS, uma ou duas questões, mas o conteúdo é muito grande, a quantidade de conflitos mundiais é muito grande, essa parte do conteúdo é muito grande. Eu lembro que a minha turma queria estudar isso desde o primeiro ano, mas hoje eu entendo porque não foi trabalhado essa parte no primeiro ano, nós não tínhamos maturidade ainda, a gente brincava de rocha no primeiro ano e achava ruim. Eu achei que essa parte ela não ia conseguir dar direito, porque ela iria priorizar o que caía mais, mas ela conseguiu trabalhar muito bem. Então eu acho que é por esse motivo que eu tiro meu chapéu pra professora Cris, porque ela conseguiu tanto dar o conteúdo pras provas externas, quanto trabalhar essas questões importantes de formação do ser humano.

Geografia é uma matéria que eu entendo a complexidade dela, ela não é como física que tu começa um assunto e termina, a meu ver na Geografia tá tudo muito interligado e tu não consegue começar algo e terminar, então essa dinâmica entre o que serve pro vestibular e o que serve pra vida fica tudo muito misturado. Hoje eu considero que eu não to no meu primeiro ano de cursinho preparatório pro vestibular, porque a meu ver tem muito tempo que eu tô me preparando pra isso, desde o segundo ano do Ensino Médio eu já sinto isso, tanto que hoje eu ainda uso minhas anotações e cadernos do Ensino Médio pra estudar no cursinho.

Você acredita que o seu professor de Geografia teve um papel importante na sua formação? Por quê?

Teve muita importância na minha formação e eu vou te dar um exemplo de como: no último trimestre do terceiro ano nós estávamos estudando o continente africano e a Cris se preocupou bastante em dar esta parte do conteúdo, eu lembro que ela falava “Nós precisamos estudar isso, é muito importante”. Eu lembro que nós fizemos um trabalho em que nós devíamos fazer uma viagem pela África e escolher cinco países, nesses cinco países a gente precisava falar da história daquele lugar, sobre a cultura, uma curiosidade e nisso a gente precisava montar um diário de bordo e depois disso a gente mandava pra ela, não sabíamos se ia ter tempo pra apresentar porque a gente ainda tava tendo aula no formato online. Eu sempre fui uma pessoa bastante proativa de fazer as coisas logo, então de cara eu já pesquisei muito pra fazer o trabalho e eu tinha pensado nessa parte mais humanitária da Medicina, tanto que eu sempre brinquei com a Cris, não adianta fazer Medicina e não trabalhar no SUS, e quando a gente começou a estudar mais sobre, comecei a ver ações como o

Médicos Sem Fronteira, conversei muito com a professora Cris sobre [isso], e lembro que no meio desse turbilhão de coisas teve um trabalho que fizemos sobre adoção e a professora Cris foi a minha orientadora e nisso nós apresentamos o trabalho na Comissão de Direitos Humanos, na PUCRS, na UFRGS em vários lugares. Depois disso eu chamei ela pra conversar e falar mais dessa ajuda humanitária que precisava na África, lembro que a professora separou duas aulas pra gente apresentar o trabalho, nisso eu fui a primeira a apresentar e lembro como esse trabalho e todo engajamento com a aula, a professora e a Geografia me levaram a hoje querer fazer parte dos Médicos Sem Fronteira, então sim, a professora de Geografia teve uma grande importância na minha formação em todos os seus aspectos.

Este último momento é para que você se expresse sobre como foi o seu Ensino Médio de forma geral, não necessariamente sobre Geografia ou o professor de Geografia. Os momentos felizes que você lembra, as angústias e preocupações da época, um apanhado geral de como aconteceu.

O meu Ensino Médio foi uma loucura. Eu sou de Guaíba e fui estudar em Porto Alegre, então tudo isso foi uma grande mudança na minha vida, o Ensino Médio foi um lugar em que eu aprendi a ter responsabilidade, pelo fato de eu estar em Porto Alegre sozinha, sem meus pais, então eu senti muito essa diferença entre estar em um ambiente que instiga a todo instante, a escola tirava os alunos da zona de conforto.

Eu lembro que quando eu fui pra lá, era ano de eleição e mesmo na sala de aula a gente queria falar de política e às vezes os professores falavam sobre algum assunto, terminava a aula e a gente queria muito continuar discutindo e conversando sobre, então foi um lugar que fui muito tirada da zona de conforto. Eu cresci muito participando dessa escola e desse ambiente escolar. Eu tive alguns conflitos, porque eu sou uma pessoa que não consegue ver os outros chateados, então eu acabava comprando muitas brigas, mas de qualquer forma foi um lugar que me acolheu muito.

Eu lembro que com quinze ou dezesseis anos eu passei por uma fase onde eu fiquei mal com algumas questões e a própria equipe do colégio me ajudou muito. Eu lembro que os professores de religião, os professores da coordenação chegaram pra mim e perguntavam “O que tá acontecendo de errado?”, então essas coisas me fazem acreditar que eu fui muito acolhida naquele espaço. Eu vejo hoje a diferença entre eu e meus outros amigos que continuaram aqui em Guaíba, uma diferença entre eu ter sido instigada a sair o tempo todo da zona de conforto. “Ah isso tá muito fácil, então a gente vai mudar” e teve muito isso, uma preocupação completa em como eu tava me sentindo, como eu estava de modo geral, até mesmo com as provas externas.

Ano passado eu passei em Medicina na UNOESC, eu lembro que eu contei primeiro pros meus professores do que pra minha família, porque eu me lembro dessa importância e desse cuidado que eles tiveram comigo. [A escola] acabou se tornando minha segunda casa. Então finalizando, o ambiente escolar pra mim foi um lugar de muito desafio, de crescer, criar responsabilidade e me descobrir como eu sou, formar meu senso crítico. Hoje eu me considero uma pessoa mais crítica e acredito que a escola teve um grande papel em relação a isso, sou muito grata por esse tempo que eu passei lá.

Apêndice E

ENTREVISTA PROFESSORA B

Qual sua idade?

46 anos.

Há quanto tempo você trabalha como professora?

22 anos.

Você pensa que os alunos da educação básica, normalmente tem interesse em fazer vestibular? O que você atribui para esse interesse ou desinteresse?

Sim, na realidade que eu trabalho hoje eu acredito que sim, pelo menos a maioria deles. Para esse interesse da parcela dos estudantes que eu trabalho hoje, eu diria que está relacionado com o nível socioeconômico de certa forma, porque eles querem dar uma continuidade a esse estudo, então, automaticamente, já faz parte desses planos de vida, de terminar o Ensino Médio, se inserir em uma universidade, então isso já faz parte do nosso diálogo cotidiano dentro da escola, dos planos que se faz para a finalização do Ensino Médio. Acredito que esteja ligado a esse plano das famílias que têm relação com essa questão socioeconômica, eles não se preparam para se inserir no mercado de trabalho, por exemplo, eles não têm essa visão voltada para terminar o Ensino Médio e se inserir no mercado de trabalho, mas sim dar continuidade aos estudos, se profissionalizar em uma universidade, é nessa perspectiva que eu enxergo essa parcela dos meus estudantes.

Você acredita ser importante que os seus alunos, quando formados na educação básica, façam provas externas para terem acesso a uma educação Superior?

Essa pergunta é difícil, porque se eu disser não, é como se eu estivesse dizendo “Vamos eliminar as avaliações então, essas métricas todas que têm para inserção no Ensino Superior. Então qual seria essa forma de entrada se não fosse as avaliações? Seria por todo o histórico da educação básica?” Não sei, difícil. É como se tu tivesse me perguntando se eu concordo com o fato de eles terem que fazer uma prova para entrar no Ensino Superior, porque eu sei que existem países que não têm.

A professora acredita que os seus alunos devam ter acesso ao Ensino Superior?

Que eles tenham acesso ao Ensino Superior, com certeza. Eles precisam de mais oportunidades para esses estudantes que estão terminando o Ensino Médio possam se inserir e possam ter acesso ao Ensino Superior, esse é o caminho.

Como você prepara os teus alunos para que eles possam ter sucesso nas provas externas?

Existe um preparo e uma preocupação da nossa parte para entender como essas avaliações funcionam e também preparar os estudantes para essas avaliações externas, já que hoje elas determinam essa entrada deles na universidade, que é também uma exigência dessa rede e desse sistema.

Nós preparamos os alunos analisando como essas provas funcionam, os modelos dessas avaliações. A gente sabe, por exemplo, que existiu uma época que elas eram muito diferentes, como, por exemplo, a prova do ENEM, diferente do modelo da prova da UFRGS, então a gente vai fazendo essas análises e desenvolvendo toda a nossa metodologia de maneira que, além de outras habilidades e competências que a gente acredita ser importante, o aluno desenvolva, tenha condições de responder bem e ter sucesso nessas avaliações externas.

Nós trabalhamos no sentido que ele tenha também sucesso nessas avaliações. Mas, além disso, eu acredito que quando o estudante tem a competência e a habilidade e uma visão de mundo mais competente nesses temas que nós estamos trabalhando, ele cria essa capacidade de transitar entre as avaliações, de poder fazer essa leitura e ter muito mais sucesso. Não é a questão conteudista, porque se ficarmos com essa visão mais limitada nós não vamos conseguir abarcar todos os mínimos detalhes que podem ser cobrados em uma avaliação, mas à medida que esse estudante consegue ter essa leitura de mundo mais ampla, ele tem muito mais probabilidade de ter sucesso em uma ou outra avaliação.

Quais são as maiores dificuldades apresentadas pelos seus alunos na preparação de provas externas?

É um momento de muita ansiedade e dúvidas nessa faixa etária e quanto mais eles vão caminhando para o terceiro ano, maior vai se tornando a insegurança, que os atrapalha ao ponto deles acreditarem que essa prova ou determinada decisão de curso que vai definir a vida deles. O professor ele tem alguns papéis que ele precisa exercer que vão além do conteúdo como perceber quem é essa pessoa, quem está ali na sua aula, independente de gênero ou classe social, com toda a sua individualidade e história, as suas questões emocionais, com diferentes formas de aprendizagem. Eu acredito que o professor precise ter esse olhar mediador para tentar alcançar o maior número possível de estudantes, no meio desses quarenta alunos diferentes. Eu acredito que o professor ele tem que ter esse papel de enxergar o aluno para além do conteúdo, não adianta eu chegar ali e trabalhar cinquenta minutos de Geografia, não é o suficiente. A forma como o professor trabalha é muito importante e ela perpassa essas relações pessoais e profissionais, dessa forma, ele vai chegar mais perto para entender essas dificuldades dos alunos.

Você vê diferença entre ensinar Geografia para a vida e ensinar para as provas externas? Um processo exclui o outro? Por quê?

Existem alguns momentos em que é necessário saber o conteúdo e não existe nada de errado nisso, saber especificamente conceitos próprios da Geografia. A

competência ela não se desenvolve no vazio, a gente precisa de um conteúdo em que ela vai se pautar e se desenvolver. Então sim, a gente trabalha os conteúdos, mas é muito mais sobre a maneira como se aborda esse conteúdo, que ele possa ser um pretexto a mais para a leitura e intervenção do mundo. O conteúdo não é desprezível, muito pelo contrário é a partir dele que a gente vai trabalhar as outras perspectivas.

Para além dos conteúdos de Geografia, você conversa sobre a importância da universidade e do ENEM para a vida dos seus alunos? / Professor: a escola incentiva e acompanha a escolha profissional e a preparação para as provas externas pelos alunos?

Eu particularmente não tenho muito esse tipo de conversa com os meus estudantes. Eu converso esporadicamente, talvez isso seja uma falha minha. Mas a escola onde eu trabalho ela cria muitos espaços para a discussão sobre essas questões, então vai ter a Semana das Profissões, eles fazem teste vocacional, entre outras oportunidades dentro da escola. Mas existe também outro ponto, que talvez seja uma falha minha, eu entro na sala de aula a mil por hora pra tentar dar sempre conta de tudo que a gente precisa fazer naquele momento e às vezes esses outros tipos de conversa acabam ficando sem espaço. Talvez não seja uma questão de espaço, mas de qualquer forma eu não costumo gastar muito tempo com esse tipo de conversa. Existe outro projeto dentro da escola, que é o Projeto de Vida, que eles falam muito sobre essas questões, então eu me sinto muito confortável em não precisar me envolver muito nesses pontos. Existem casos esporádicos, é claro, em que um estudante ou outro me procura, mas é isso.

Você acredita que exista algo que possa melhorar suas aulas em relação às provas externas?

Melhorar a gente sempre pode melhorar. A forma como a Geografia é trabalhada na sala de aula é muito daquilo que a gente consegue colocar em prática, aquilo que a gente acredita. Às vezes a gente chega na sala de aula e a nossa prática não condiz com as nossas expectativas, é complicado. Então, além daquilo que a gente acredita, existem outros pontos como o tempo e o espaço no qual a gente está inserido dentro da escola, os tempos de provas e trimestre. E às vezes o que eu queria era mais tempo, porque eu acredito que a aprendizagem é um processo e ela precisa de mais tempo pra que o estudante possa ir de fato se dando conta e fazendo essa assimilação, então, às vezes a gente não tem esse tempo e isso é uma coisa que me incomoda, mas isso não depende de mim e sim da organização institucional. Mas a minha aula eu acredito que sim, sempre pode melhorar. Um ponto talvez seja eu falar menos, literalmente, e deixar o processo mais nas mãos dos estudantes, porque às vezes eu acho que eu faço muito a entrega pronta das coisas e não deixo que partam deles. É um pouco daquilo que a professora Roselane fala, chega determinado momento que os alunos param de fazer perguntas, eles param de perguntar, porque a gente entrega tudo pronto. E eu acredito que a gente faz isso porque os tempos e espaços não nos permitem. Então talvez [eu devesse] fazer uma aula menos

“mastigada” e deixar eles mais protagonistas do processo, mas é complicado e isso também é meio idealizado, na verdade existe uma lista de coisas que eu gostaria de melhorar.

Em algum momento você explicou, mostrou ou disponibilizou alguma prova externa de Geografia para os seus estudantes?

Eu utilizo muito essas questões nas minhas provas, eu não disponibilizei a prova em específico. Eu faço um compilado de questões do ENEM e aplico pra eles, como atividade ou simulado, em avaliações de forma geral. Quando eu aplico, vem a fonte de onde eu to tirando aquela questão, então eles sabem o que estão fazendo. O tempo todo eles estão fazendo questões de provas externas, o que vai ajudar eles a entenderem como funcionam essas questões e como vão ser cobrados depois.

Apêndice F

ENTREVISTA PROFESSOR A

Qual a sua idade?

Eu tenho 39 anos.

Há quanto tempo você trabalha como professor?

Como professor há treze anos.

Você pensa que os alunos da educação básica, normalmente tem interesse em fazer vestibular? O que você atribui para esse interesse ou desinteresse?

Eu vejo que ultimamente o vestibular em si vem perdendo um pouco do crédito, noto que existe um olhar mais carinhoso para o ENEM. Em termos de concurso geral, os alunos querem entrar na universidade, eles percebem cada vez mais a importância do ENEM, eu noto isso nas aulas ou meus alunos falam “Mas professor e o ENEM?”, existe essa pressão dos estudantes para uma excelente pontuação no ENEM até porque as universidades hoje, principalmente as [universidades] particulares, para garantir público, elas acabaram dando uma flexibilizada nos seus vestibulares. Eu sou de um tempo que o vestibular da PUCRS acontecia em cinco dias, hoje já são dois, amanhã pode ser que seja uma redação, como já é o caso de algumas provas por aí. Então ingressar em uma faculdade hoje está se tornando fácil e barato, agora a qualidade do Ensino, eu fico quieto porque não conheço cada uma delas pra dizer se vale a pena ou não. Ao mesmo tempo em que ENEM acaba abraçando muitos estudantes e coloca eles na universidade particular ou pública, as particulares precisam dar essa rebaixada na qualidade do seu ingresso, é uma competição. E os alunos perceberam isso também, com o ENEM e com o investimento que existe em cima deles, perceberam que eles conseguem ter uma facilidade ao fazer o ENEM.

Nas suas turmas de terceiro ano do Ensino Médio, o professor observa um pensamento majoritário em fazer o Ensino Superior? Ou existem alunos no qual não estão interessados em realizar provas para entrar no Ensino Superior?

Hoje eu trabalho com duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, o que gira em torno de cinquenta alunos, desse número eu posso afirmar, com quase certeza, que cem por cento pretendem sair do Ensino Médio e ir cursar um Ensino Superior. Dos meus estudantes, alguns vão tentar vestibulares para alguma faculdade particular, mas todos têm como foco o ingresso na UFRGS e que seja através do ENEM.

Você acredita ser importante que os seus alunos, quando formados na educação básica, façam provas externas para terem acesso a uma educação Superior?

Nós vivemos em um mundo onde a gente cresce já em uma competição, é tudo muito competitivo hoje em dia. Eu não saberia te responder profundamente se eu acredito e concordo, desde muito tempo, com um processo seletivo pra entrar nas faculdades. Ao mesmo tempo em que uma faculdade pública deveria ser de todos, ao mesmo tempo não é de todos. Basta fazer um censo demográfico dos alunos de Medicina e dos alunos de Geografia, por exemplo, que tu vai ver a origem deles e [depois] faz o contraponto nas universidades particulares, o que nos leva a crer que a universidade pública não é tão pública assim.

Existem mecanismos que tu sabe tanto quanto eu para compensar tantos desleixos do passado, mas eu gostaria de ver o aluno finalizando a educação básica e já tendo oportunidade de entrar na universidade sem aquele processo seletivo tradicional no qual já temos. Acredito que o processo seletivo deveria acontecer ao longo do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio, que é o que parece que o ENEM vai ter com a sua nova estrutura. Não querendo ser malvado ou ofensivo, mas quando tu vai fazer um perfil socioeconômico dos estudantes de Medicina, por exemplo, e eu falo aqui com um pouco de propriedade porque eu trabalhei seis anos em um pré-vestibular para Medicina, tanto na capital quanto no interior, o perfil dos meus alunos era de classe “A+”. Nada contra, mas estudavam, passavam em quinze faculdades, mas no fim queriam fazer a universidade pública, alunos esses que já vi gastar setenta mil reais em um cursinho pra depois passar em uma universidade pública, onde aquele aluno que vem do Ensino Médio com toda a defasagem do Ensino que nós temos, não vai conseguir bater de frente com eles.

Então quando eu falo dessa questão da origem, tu pega [que] infelizmente com cursos altamente concorridos acaba existindo uma seleção de alunos com alto poder aquisitivo investindo no ingresso da educação pública e muitas vezes o que eu percebo são que em cursos de universidades particulares, o aluno que vem de uma classe média ou média baixa tem que trabalhar durante o dia pra estudar à noite, às vezes casado, tem que ser pai ou mãe, marido ou esposa, então a gente percebe essas diferenças bem gritantes, principalmente em cursos altamente concorridos como a Medicina. Mas concluindo a pergunta que foi feita, o que nós precisamos ter é o velho sonho, afinal, todo professor é um sonhador, de existir um grande investimento público dos nossos governos em todas as suas escalas, em melhorar a nossa qualidade da educação.

Como você prepara os teus alunos para que eles possam ter sucesso nas provas externas?

Acho que esse é o ponto principal do sucesso deles, eu cresci ouvindo que Geografia era decoreba. Eu fui um estudante de colégio classe média alta aqui da cidade de Porto Alegre que tinha traumas da aula de Geografia, [pois] tudo era decoreba. A professora chegava a fazer ditados sobre qual a extensão do Rio “x”, onde fica a nascente “y”, qual é a capital de não sei onde e por aí vai, o que acabou me levando pra outro caminho na minha escolha profissional e só mais tarde eu decidi fazer a graduação de Geografia. Quando eu entrei no curso de Geografia eu pensei, junto com a faculdade que eu fiz e com a minha orientadora, que Geografia não era

decoreba, ela na verdade muda a todo instante, então não tem como decorar, é uma ciência dinâmica e foi com isso que eu comecei a pensar “Como atrair um estudante e fazer com que ele perceba que a Geografia faz parte da vida dele desde a hora em que ele acorda até a hora de dormir?”.

Quais são as maiores dificuldades apresentadas pelos seus alunos na preparação de provas externas?

Em uma das turmas de terceiro ano em que eu sou conselheiro, eu tenho um debate mais próximo com eles sobre essas questões, entre outras. E eu percebo que o que existe é uma ansiedade muito grande nessa preparação toda para a saída do Ensino Médio e ter que lidar com essas pressões que são as provas externas e, principalmente, um medo muito grande da não aprovação que, a meu ver, é uma pressão feita pela sociedade mesmo. A nossa sociedade impõe pressões, a gente vive uma geração jovem que não tá acostumada a receber um não, não tá acostumada a receber uma reprovação, vivem em uma bolha de proteção, isso já é assunto pra uma outra discussão, mas o fato é que essas inseguranças são muito reais. E eu acho que é nesse momento que entra um papel importante do professor e aqui eu não falo por mim, mas todos os professores em geral: sentar e conversar com esse aluno e mostrar os passos pra essa aprovação e que se não der certo, tá tudo bem também, não é o fim do caminho, nós vamos criar novos mecanismos pra conquistar essa aprovação. Mas retomando a sua pergunta, eu acho que o ponto principal é a ansiedade, eles são muito ansiosos.

Quando você planeja uma aula ou um projeto de aulas, as provas externas, como o vestibular da UFRGS ou o ENEM, são consideradas uma das suas preocupações?

Com certeza é uma das preocupações, não a única. Nós vivemos em um Brasil altamente competitivo no ingresso das universidades e com certeza as escolas e aqui eu me refiro mais ao campo das particulares, por mais que nós trabalhemos o saber e a criticidade, um dos pilares desse campo são as aprovações, porque as escolas são um mercado, elas competem umas com as outras, então de repente tu vai passar por uma escola e vai aparecer “Tantos aprovados na UFRGS, tantos aprovados no ENEM, a melhor escola do ranking do Rio Grande do Sul”, então se tu como professor, com outro viés pedagógico, não consegue as aprovações ou não segue nesse sentido, o sistema ele te exclui, então é sim um pilar.

Agora para chegar nessas aprovações, vai depender de cada professor, de cada cabeça, tu vai fazer uma decoreba, tu vai fazer uma construção, vai fazer eu pensar, aí eu acho que o principal é como chegar na aprovação e não como o aluno aprovou.

A escola incentiva e acompanha a escolha profissional e a preparação para as provas externas pelos alunos? / Para além dos conteúdos de Geografia, você conversa sobre a importância da universidade e do ENEM para a vida dos seus alunos?

Eu olho de certa forma meio distante em relação a isso, mas eu vejo que a escola tem um sistema de apoio em relação à escolha profissional dos estudantes. Tem a orientação pedagógica que faz conversas com os alunos, mas que ao mesmo tempo eu sinto que parte bastante do aluno quer ter essa conversa, então quando o aluno quer uma conversa, um conselho ou uma orientação, a escola disponibiliza esse suporte. Eu vejo que acontecem também testes vocacionais, palestras com profissionais de certas áreas, eu vi que ao longo do ano e, principalmente nesse último que nós estivemos muito no módulo online, [que] os alunos tiveram muitas palestras com cientistas, pessoas de diversas áreas. E antes existia também a Feira das Profissões, eu percebia um grande interesse deles nessas atividades.

Como você caracteriza o seu conhecimento sobre a forma como as provas externas abordam os conteúdos de Geografia?

Depende. Você pode ser um professor que ensina apenas para o vestibular e o ENEM e que quando chega na sala de aula esse é seu único propósito e a meu ver é um processo bastante metódico e que fica nisso. Eu prefiro “gastar saliva” e trabalhar com eles de uma forma mais complexa, criando relações, construindo o conhecimento, buscando na Química, na Matemática, na Biologia e criando relações para que o aluno chegue na prova com base. A meu ver um processo não exclui o outro e se tu escolher um lado, por exemplo, só ensinar para o vestibular, pode ser um “tiro no pé”, porque tu vai ter alunos que são nota 10 e outros que são nota 0 porque nem todos vão aprender dessa forma. Agora se tu vai criando relações e trabalhando juntos dos alunos todos os processos, é muito mais provável que tu tenha uma turma toda nota 10.

Você acredita que exista algo que possa melhorar suas aulas em relação às provas externas?

A gente sempre quer melhorar. Nós estamos sempre insatisfeitos e queremos mais, o que eu acho que nós poderíamos ter, para elevar ainda mais a qualidade das aulas. [Por exemplo] Agora com a pandemia, nós somos obrigados a entrar e a entender novas ferramentas e os professores como eu, que fazem parte de outra geração, [que] estávamos presos em outro modelo de aula, ou seja, quadro, alguns livros, slides entre outros exemplos foram obrigados a “levantar a bunda” e ir fazer outros mecanismos, atrair mais os estudantes. Eu não digo fazer joguinhos com o pessoal do terceiro ano, mas outras maneiras de ver a Geografia. A cada geração que passa temos pessoas que conseguem pensar em três, quatro ou cinco coisas ao mesmo tempo, muito mais dinâmicos, mais rápidos no pensamento, então eu acho que a gente tem que se reinventar e eu realmente faço essa reflexão, estou aguardando o ano que vêm para ver o que nós teremos após a pandemia.

A meu ver a aula que nós tivemos em dois mil e dezenove nós nunca mais teremos, o professor que quiser voltar para aquele velho estilo, talvez aguarde mais uma geração de estudantes, mas ele vai ser obrigado a mudar ou será excluído do sistema. Nós deveríamos ter laboratório de Geografia nas escolas, existe de ciências, mas não é a mesma coisa porque há saídas de campo a cada dois meses ou uma por

trimestre e eu acho que a Geografia pode se aproximar muito de outras ciências e a gente deveria investir mais nesse lado. Eu acho que a gente precisa aproximar mais todos os componentes, não só a Geografia, mas a escola como um todo. A nova base de conhecimento provoca isso, agora os professores irão trabalhar por áreas do conhecimento e não mais por conta própria e nessa mudança eu vejo muitos professores com medo de se aproximar de colegas da mesma área de conhecimento, não sei se por vaidade, medo, egocentrismo, mas sem dúvidas o professor vai precisar mudar o perfil.

Em algum momento você explicou, mostrou ou disponibilizou alguma prova externa de Geografia para os seus estudantes?

A prova inteira eu nunca cheguei a mostrar, acho que eu nem saberia como abordar isso na minha aula, até porque eles também têm os simulados que eles realizam na escola. Mas o que eu faço muito é colocar questões na minha prova, nos trabalhos de forma geral, com as orientações e fontes, de onde vem aquela questão, porque o aluno vê que é da UFRGS ou da PUCRS, por exemplo, e já vai se habituando em realizar essas questões. Mas respondendo a sua pergunta, a prova inteira não, só as questões mesmo.

Apêndice G ENTREVISTA C

Qual sua idade?

34 anos.

Há quanto tempo você trabalha como professora?

Dez anos.

Você pensa que os alunos da educação básica, normalmente tem interesse em fazer vestibular? O que você atribui para esse interesse ou desinteresse?

Sim, com certeza. Pela questão profissional, de estudar e ter uma profissão, vinculado a uma melhor pretensão salarial, estudar, trabalhar com algo que eles gostem e também por salários melhores. De modo geral, o que eu percebo dos alunos que querem fazer essas provas é para ingressar no Ensino Superior. Hoje eu trabalho com turmas de trinta e cinco a quarenta alunos, desses alunos eu acredito que a metade tem interesse em fazer essas provas, a outra metade ou já trabalha e estuda na escola ou vai sair da escola e procurar um trabalho que precise apenas do Ensino Médio completo.

O contexto da escola pública é um contexto familiar que não vai incentivar os alunos a fazer uma graduação. A grande maioria dos pais não terminou o Ensino Médio e trabalham no setor do comércio ou profissões [que] de modo geral trabalha muito e ganha menos, então é difícil para eles estabelecerem uma projeção sobre um futuro de trabalho. O que eu percebo é que eles pensam que se eles fizerem um Ensino Superior, uma graduação, eles vão ter salários melhores. Então se for analisar melhor essa conjuntura, os estudantes não sabem quais são as opções de cursos que eles podem fazer e onde eles podem tentar fazer esses cursos.

No último trimestre eu tive dois estagiários do PIBID que trabalharam o ENEM com as turmas de terceiro ano, e nesse projeto que eles elaboraram ficou muito evidente que os alunos desconhecem essa realidade acadêmica. É um mundo totalmente distante e que parece inalcançável e eu atribuo esse distanciamento muito pelo contexto familiar. E aí entra a função da escola, de trazer essa realidade. Os meninos do PIBID falaram bastante disso com eles, que a faculdade pública é um direito deles e que eles poderiam entrar na UFRGS, por exemplo. Eu lembro que foi um momento muito legal porque alguns alunos acreditavam que a UFRGS, por exemplo, não era pra eles, mas sim pra estudantes da escola privada.

Você acredita ser importante que os seus alunos, quando formados na educação básica, façam provas externas para terem acesso a uma educação Superior?

Sim, eu acredito.

Como você prepara os seus alunos para que eles possam ter sucesso nas provas externas?

No terceiro ano do Ensino Médio eu trabalho muito com questões do Ensino Médio para que eles possam ter uma ideia de como são as provas externas que acontecem, nisso eu uso muito questões da UFRGS ou do ENEM, por exemplo. Eu particularmente acho difícil trabalhar com um conteúdo ou objeto do conhecimento específico que vá cair na prova porque às vezes a linguagem da prova já assusta, eles olham ali a questão com determinada data e eles já se bloqueiam. Então eu acho que nesse sentido o que mais ajuda é trazer questões de provas anteriores. Eu aplico as questões para eles e depois eu vou corrigindo todas elas e observando também as alternativas erradas, por que estão erradas, o que eu acredito que traz uma compreensão maior. E com isso, a gente vai desenvolvendo essa habilidade de interpretação e vai relacionando com o conteúdo. Sobre a questão do enunciado, já teve momentos que eu coloquei a questão sem enunciado e eu percebia que o número de acertos entre os alunos aumentava muito, realmente existe uma pressão muito grande quando se trata de questões e estudos referentes às provas externas.

Quais são as maiores dificuldades apresentadas pelos seus alunos na preparação de provas externas?

As dificuldades são muitas, mas eu pontuaria a questão da preguiça mental, principalmente essa geração, eu digo isso porque eu já peguei outra geração nesses dez anos sendo professora e essa geração de agora eles têm uma preguiça mental muito grande. Por exemplo, tu pega uma questão que tem um texto muito longo, em geral as humanidades têm esses textos longos, então eles já tem preguiça de ler, a primeira coisa que eles falam é "Ai sora, mas olha isso, a gente tá estudando Geografia ou Português?", então eles já ficam nessa coisa da preguiça mental, que eu caracterizo como a primeira dificuldade.

A segunda é a questão de se organizar, eles não conseguem ter muita organização e isso é uma das coisas que está sendo trabalhado no Ensino EAD porque eles precisam se autogerir, mas sem dúvida eles têm muita dificuldade em se organizar. O professor sozinho ou a escola não vão fazer milagre também, então precisa ter essa questão de ele se organizar. Outra questão é que muitos alunos trabalham, metade da minha trabalha de manhã e trabalha à tarde, então eles já são inseridos no mercado bem cedo. Antigamente era a escola que ditava essa regra de "O turno termina meio dia e quarenta" então tu não pode chegar uma hora no estágio, tu precisa ter uma hora de intervalo, mas hoje em dia não existe mais isso, a empresa é quem faz a norma. Eu lembro que quando a gente estava no Ensino presencial, eles me pediam pra sair mais cedo porque não ia dar tempo de almoçar e ir pro estágio, eu falava que achava estranho e os alunos me falavam "Sora mas eu preciso ir, porque se eu chegar atrasado eles me descontam", então também tem essa necessidade de estudar e trabalhar.

Eu lembro que eu fui viver essa realidade só no Ensino Superior, de trabalhar e estudar, então a meu ver esses são os três maiores desafios quando eu penso nos meus alunos se preparando para estudar e concorrer às provas externas. Quando eu

comparo com a escola particular, sem querer generalizar, eu acredito que exista um maior apoio e presença dos familiares. Então em relação à preguiça mental que é um dos problemas e eu caracterizo muito como algo geracional, com os familiares mais presentes, eles vão cobrar mais, sabe? Estuda pra ir melhor na escola, pra fazer uma faculdade, além de que geralmente na escola particular, os pais eles têm profissões que têm um maior salário, então eu observo que existe uma diferença bastante grande. Eu não sou professora de escola privada, mas eu tenho vários colegas na pós-graduação que dão aula em escola privada e realmente existe essa diferença.

Você vê diferença entre ensinar Geografia para a vida e ensinar para as provas externas? Um processo exclui o outro? Por quê?

Sim, vejo diferença. Trabalhar a Geografia do aluno com a letra g minúsculo e a Geografia enquanto ciência com G maiúsculo, então com certeza tem diferença quando eu penso em estudar para provas externas. Preparar para uma prova externa necessita de um planejamento diferente, porque o que vai ser cobrado é diferente. Eu acredito que dê para articular, tanto planejar uma aula para a vida quanto para as provas externas, como é o caso, por exemplo, da urbanização. Tu vai partir da realidade do aluno, do bairro do aluno, o que ele observa do espaço urbano. Tu vai partir da Geografia do aluno e assim trabalhar conceitos como conurbação, hierarquia urbana, urbanização, então sim dá para trabalhar, só que lá na Geografia do aluno o bairro que ele vive, as vivências que ele tem da cidade não vai cair na prova, mas esse link que faz de onde ele sai, tu faz uma relação com a conurbação, por exemplo, isso sim vai cair no ENEM. Mas existe uma diferença.

Quando você planeja uma aula ou um projeto de aulas, as provas externas, como o vestibular da UFRGS ou o ENEM, são consideradas uma das suas preocupações?

Para o terceiro ano, sim. O segundo ano eu até trago questões do ENEM, mas eu tento não criar muito estigma, bem menos que no terceiro ano. Como eles estão no Ensino Médio, eles estão muito mais próximos de concluir os estudos, então no Fundamental, por exemplo, eu não levaria questões de ENEM e UFRGS.

Para além dos conteúdos de Geografia, você conversa sobre a importância da universidade e do ENEM para a vida dos seus alunos?

Converso com eles sobre [isso], principalmente quando chega no terceiro ano. Saiu o edital para fazer a prova do ENEM, da UFRGS, o Salão de Profissões (que é aquele evento que a UFRGS disponibiliza), a escola levava os terceiros anos, por exemplo. Eu converso muito com eles sobre, porque existe uma mentalidade de que Ensino Superior é algo inatingível, então eu sempre tento aproximar essa realidade para eles. Trazer para a realidade deles isso é bem complicado e lento, eu tento sempre trazer que existem esses outros caminhos que também podem ser trilhados. Eu vejo muito eles falando que vão trabalhar no comércio porque como eles são de escola pública, eles não vão passar nas provas. E a gente tem vários alunos que conseguem sair da escola e conseguir entrar na UFRGS, por exemplo. Outro

preconceito que eu percebo muito é em relação aos cursinhos populares, eles acreditam que não funcionam e que não vão ajudar. Então eu percebo e converso com eles que existem vários entraves. A própria família é um grande entrave dos alunos quando eles pensam em estudar no Ensino Superior. Já ouvi muito “Vai trabalhar, ganhar dinheiro, história de ficar estudando, terminou o Ensino Médio já tá bom”, é complicado.

A escola incentiva e acompanha a escolha profissional e a preparação para as provas externas pelos alunos?

Essa pergunta é bem complicada. Eu já trabalhei em várias escolas públicas e elas variam muito, a administração da escola influencia muito e eu percebo que existe uma diferença bem grande nesse aspecto, quando comparamos com a escola privada há uma diferença maior ainda. A escola que eu trabalho hoje, de modo geral, incentiva muito entrar no Ensino Superior, fazer vestibular, ENEM, eles passam nas salas e avisam, por exemplo, que as inscrições do ENEM abriram, mas eu percebo que isso é uma característica muito da escola que eu trabalho hoje, e infelizmente não do Ensino público.

O que eu observo é que essas conversas sobre as provas externas vão muito mais por parte dos professores, que alertam e explicam como funciona. Eu já ouvi de colegas, da direção ou da administração de modo geral coisas do tipo “Esses aí não têm a menor condição de entrar em faculdade, eles vão trabalhar em algum mercado...”. É bem complicada essa pergunta. A prova da UFRGS tem uma herança da questão da elitização. Entrava na faculdade quem tinha dinheiro para ficar estudando, fazer um cursinho caro, jamais se pensaria que um trabalhador conseguiria entrar na UFRGS, a prova é muito difícil, muita concorrência, entre outros fatores. Eu acredito que a UFRGS esteja em um processo mais democrático, quer dizer, mais ou menos né, melhorou alguma coisa, mas ainda falta muito. Quem passa em Medicina hoje é quem pode pagar o melhor cursinho, passa o dia inteiro estudando, quem tem um suporte da família. Essas questões são ditas e passadas adiante e isso chega direto no ouvido do estudante da escola pública, então eles já chegam com o pensamento “Isso não é pra mim, imagina que seria, eu moro na Cruzeiro, esse tipo de coisa não é pra mim”.

Como você caracteriza o seu conhecimento sobre a forma como as provas externas abordam os conteúdos de Geografia?

O ENEM ele é bem diferente dos vestibulares em geral. A proposta do ENEM ela tá muito baseada nessa questão de habilidades e competências, claro que tem os objetos do conhecimento, mas existem questões do ENEM que são muito mais reflexivas e de interpretação do que do conteúdo propriamente dito. E as provas de vestibulares, elas são mais conteudistas e menos reflexivas, se tu não sabe aquilo que tão te pedindo, tu não sabe. No ENEM tu já tem possibilidade de puxar um conteúdo daqui, outro dali e responder a questão, porque ela é muito mais reflexiva. Pelo menos é dessa forma que eu vejo.

Você acredita que exista algo que possa melhorar suas aulas em relação às provas externas?

O professor ele tem que tá sempre aberto a se autoavaliar, observar a sua prática com um olhar criterioso, porque a gente fica sempre nessa coisa de querer ser um bom professor, a gente carrega isso nas costas, mas afinal o que é ser um bom professor? Ser professor é relacional, tu depende dos teus alunos, depende dos colegas e cada ano que entra os alunos são diferentes. E essa questão geracional é muito forte, conforme vai mudando, os alunos que vão entrando já são diferentes dos alunos que tão saindo e as demandas são diferentes também e nesse decorrer do tempo, a gente precisa sempre se reavaliar, porque uma atividade que tu faz hoje, talvez ela não funcione com os alunos que estão na mesma etapa ano que vem. Então é fundamental e essencial que todos os professores façam isso.

Eu lembro que nos estágios eu não entendia o porquê eu fazia autoavaliação, eu to aqui escrevendo sempre a mesma coisa, mas é um exercício que começa ali e tu precisa levar para todo o resto da vida. Tu precisa cortar arestas, modificar ideias, porque tu tá ali pelo aluno, ainda mais sendo professor de Geografia, tu precisa se atualizar e ler sempre. O professor precisa se autoavaliar e questionar suas práticas. Eu vejo que colegas que têm uma maior resistência em relação a isso, passam às vezes por situações em que a turma inteira vai mal em alguma atividade, e com certeza a culpa é dos próprios alunos ou do objeto do conhecimento que é muito difícil e não do professor, e dessa forma geram conflitos imensos quando, na verdade, a avaliação não foi legal e está tudo bem, né. Eu vou me aposentar em algum momento e vou continuar aprendendo, porque é um processo sem fim.

Apêndice H

ENTREVISTA PROFESSOR D

Qual sua idade?

62 anos.

Há quanto tempo você trabalha como professor?

Há doze anos sou professor de Geografia, formado na UFRGS em Ciências Sociais. Passei em um concurso ainda no governo do Tarso e acreditei ser uma boa profissão, o salário era melhor, mas com o tempo foi ficando cada vez pior.

Você pensa que os alunos da educação básica, normalmente tem interesse em fazer vestibular? O que você atribui para esse interesse ou desinteresse?

São bem poucos. O problema é que a maioria chega aqui e não tem noção de nada, vem porque os pais mandaram. Em um ano normal eles vêm pra comer a merenda e só depois de comerem a merenda, eles podem pensar sobre qualquer coisa, mas, de modo geral, eles têm uma mentalidade que o vestibular e essas provas todas não são pra eles. Os pais não ajudam muito nesse processo todo também, os pais veem a escola mais como uma creche, onde eles colocam os filhos para poder trabalhar em paz e o filho vai crescendo ali até o momento em que ele se torna uma força de trabalho também. A gente traz o PIBID aqui para mostrar pra eles que a universidade pública é para eles também, mas eles não ficam muito animados com a ideia.

Você acredita ser importante que os seus alunos, quando formados na educação básica, façam provas externas para terem acesso a uma educação Superior?

Sim. Acho muito importante e procuro trabalhar desde o primeiro ano do Ensino Médio. Eu converso com eles sobre a necessidade de conquistarmos o espaço que é a universidade pública. Por sermos de escola pública temos uma maior dificuldade na nossa formação, com estruturas piores, mas por outro lado existe a questão das cotas e a gente precisa aproveitar bem elas. Em Geografia eu sempre tento mostrar que a observação do espaço é importante, como, por exemplo, o processo de urbanização, então eu vou falar, estão vendo aquele condomínio de luxo? Por que ele se encontra lá? O que falta pra ti e o que sobra pra eles? E fazendo essas perguntas eu adentro um território que não faz parte da vivência deles pra explicar os conceitos geográficos. Eles precisam entender os conceitos de Geografia porque isso que tu chama de provas externas nada mais são que avaliações onde os alunos devem interpretar os conceitos geográficos nas entrelinhas da sociedade.

Como você prepara os teus alunos para que eles possam ter sucesso nas provas externas?

Eu me utilizo das questões do vestibular e trago elas para o cotidiano do aluno.

Quais são as maiores dificuldades apresentadas pelos seus alunos na preparação de provas externas?

Eles têm muita dificuldade, Geografia é um assunto muito difícil e complexo, ele é o mais difícil de todos porque ele engloba todas as outras ciências.

Você vê diferença entre ensinar Geografia para a vida e ensinar para as provas externas? Um processo exclui o outro? Por quê?

Não, porque eu misturo as duas. Eu mostro para eles que a Geografia da prova é a Geografia da vida, então no fundo a prova que eles estão te propondo é para que tu perceba se tu consegue articular os conteúdos com a realidade. Por mais inteligente que tu seja, ninguém sabe todos os conceitos, ainda mais de Geografia que é uma ciência tão complexa, então é preciso estudar e misturar as Geografias da vida e do vestibular.

Quando você planeja uma aula ou um projeto de aulas, as provas externas, como o vestibular da UFRGS ou o ENEM, são consideradas uma das suas preocupações?

Sempre são. Pelo menos metade das minhas avaliações são questões dos vestibulares. Eu pego o assunto dos últimos vestibulares e modifico alguma coisa para obrigar eles a pensar, porque o aluno tem acesso à internet muito fácil hoje em dia, então ele consegue acessar e ver a resposta. Aí eu modifico para que ele precise pensar mais sobre. De modo geral eu transformo as questões objetivas em questões dissertativas, porque eu acho mais importante o processo de escrever sobre os conteúdos do que assinalar uma letra.

Para além dos conteúdos de Geografia, você conversa sobre a importância da universidade e do ENEM para a vida dos seus alunos?

Sim, o tempo todo. Por causa da minha formação em sociologia, eu faço essa interação o tempo todo. Minha mãe acha que eu sou um cara pessimista, mas eu preciso mostrar pra eles que a sociedade tem piorado. Eu preparo meus alunos para a pior situação possível, caso eles passem fome, eu ensino eles a cultivar, ensinar eles a plantar, como faz o uso da terra, como uso compostagem, adubo, a terra, e faço relações sobre o espaço, tu pode ter uma favela de um lado e um condomínio de luxo, ao passo que a favela não tem nada, o condomínio tem tudo. Eu quero que meus alunos estudem Geografia pra se apropriarem do espaço, pra que eles possam viver melhor com as coisas que existem ali e, pra isso, tu precisa pensar em hortas comunitárias, estudar ecologia, as queimadas amazônicas, a falta de chuva e por aí vai.

A escola incentiva e acompanha a escolha profissional e a preparação para as provas externas pelos alunos?

A escola incentiva muito os alunos a estudarem, existem inúmeras provas que acontecem, simulados, no caso, para que os alunos se preparem para o vestibular.

Como você caracteriza o seu conhecimento sobre a forma como as provas externas abordam os conteúdos de Geografia?

Eu acredito que tenho um bom conhecimento sobre como as provas funcionam e tento trabalhar isso com os meus alunos. Procuro focar no ENEM que é uma prova menos conteudista, mas bastante complexa, com conceitos mais bem contextualizados.

Você acredita que exista algo que possa melhorar suas aulas em relação às provas externas?

Eu acredito que eu sempre preciso melhorar, tanto que minha aula é sempre diferente. O professor é um bicho estranho, ele vai pra casa pensando e planejando aula, tu está na rua e fica pensando em planejamentos e modos de como pensar as aulas.

Em algum momento você explicou, mostrou ou disponibilizou alguma prova externa de Geografia para os seus estudantes?

Inteira eu nunca mostrei. Cada turma eu to vendo um conteúdo, então não faz sentido mostrar a prova inteira, eu só seleciono aquilo que é pertinente ao momento dos conteúdos que eu to trabalhando.